O PROCESSO DO PADRE MALAGRIDA

Antecedentes do condenado - Como falou pela primeira vez a Pombal - As suas alucinações e a culpa - Os juizes, a sentença e a execução

O PROCESSO do padre Gabriel Malagrida faz parte de um códice da Academia das Ciências intitulado *Papéis Vários*.

Tivemos a curiosidade de lêr alguns dêstes documentos e de arquivar sua sumula. O processo do jesuíta, além de se revestir de curiosas revelações, representa bem a época em que se instaurou.

Vamos reproduzir algumas das respostas do reverendo, de-certo arrancadas no meio das maiores torturas.

Era um velho. Contava setenta e dois, sofrera cárcere e tormentos.

Capitularam-no de herético. No fundo pretendeu-se assombrar o país queimando um religioso.

Desde a hora do terramoto que o reverendo desagradara. Tinha fama de virtuosíssimo. D. João V quisera morrer junto dele. O padre dirigia espiritualmente o rei, e Bento XIV, no consistório de 23 de Setembro de 1750, dissera:

— «Ditoso, feliz aquele nosso fidelíssimo filho que teve Malagrida por director e em seus braços expirou».

No período da doença recebera o jesuíta doações para as suas obras e consignara oitocentos crusados a cada uma das casas que fundara.

Lutara muito pela fé no Brasil e estava em Lisboa no dia do terramoto. Tempo antes, indo visitar a raínha, encontrou Sebastião José de Carvalho e Melo na escada e, como não o conhecesse, passou sem o saüdar. Estava há poucos dias na capital, não sabia quem era o novo secretário do Estado, que estranhou a falta de cumprimento do jesuíta.

— Não me conhece?

— Não tenho essa honra.

— Oh! que mortal tão ditoso — disse o futuro marquês de Pombal. — Como? O padre vive na côrte e não conhece o secretário do Estado?

Deitou-se de joelhos aos pés do ministro e, ao erguer-se, disse-lhe:

— Agora que tenho a honra de o conhecer e falar a V. Ex.ª, permita-me, Senhor, que lhe faça um pedido; e é de retirar do Maranhão seu irmão, senhor Mendonça, porque é tanto o ódio que seus processos administrativos lá lhe têm grangeado que eu lhe futuro alguma desgraça se êle não se evade depressa à vingança de seus inimigos.

— Hei-de pensar nisso — volveu o valido real, voltando-lhe as costas.

Malagrida fôra audacioso em demasia. Contava que tinha visões. Recebera revelação, por vozes íntimas, da morte da rainha mãi. Retirara-se para Setúbal porque os seus adversários o ameaçavam.

Fazia longas prédicas na vila mas estava em Lisboa no dia 1 de Novembro de 1755. O terramoto encontrou-o na cidade. Correu que predissera a catástrofe. Passando numa das ruas onde o comércio lidava, o reverendo exclamara:

— Oh! quantas fadigas por tudo isso que em breve se vai extinguir.

A sua fama de santidade aumentou com o cataclismo; o povo rodeou-o, seguiu-o, escutou-o. A sua voz chegou ao paço com o eco dos grandes serviços prestados. O rei quis agradecer-lhe. A côrte e a populaça adoravam-no. Enchiam-se os templos onde prègava. O ministro achou meio de o condenar.

O padre José Riter, confessor da da rainha mãi e a quem o favorito régio devia muito, recebeu uma carta de Malagrida na qual dizia, entre outras cousas, o seguinte:

«Nada há mais odioso que o meu nome a certos personagens altamente colocados na côrte. Diligenciam perder-me no conceito do rei com mil acusações caluniosas que tenho pejo de referir».

Decorreu muito tempo antes que o procurasse. Quando do atentado contra D. José, o duque de Aveiro, pôsto a tratos espertos, pronunciou o nome do reverendo e de outros jesuítas.

Começava o processo:

No dia 11 de Dezembro de 1758, Malagrida foi chamado a Lisboa pelo cardial Saldanha. Em 28 daquele mês, depois do meio-dia, devia ser interrogado pelo príncipe da Igreja. Não o ouviu; enviou-o imediatamente ao ministro que avançou para êle segurando um papel e dizendo-lhe:

— Esta carta foi encontrada na sua banca; foi o padre que a escreveu?

— Sim — redarguiu o reverendo, lançando rápido olhar para a missiva.

— Nesse caso estava o padre sabedor do que se tramava contra o nosso augusto soberano.

Serenamente, o reverendo redarguira:

— Com efeito; uma voz interior me tinha dito que o rei correria perigo em época desconhecida para mim, Entendi ser meu dever prevenir Sua Majestade. Eis aqui porque escrevi essa carta, que conservei, entre outros papéis, esperando ocasião própria de a fazer entregar ao rei.

— Mas, porque não a fez chegar a Sua Majestade por intermédio dalgum secretário de Estado?

O jesuíta foi tão insolente como quando conhecera o valido real. A sua resposta parecia um látego.

— Porque eu queria que lhe fôsse realmente entregue.

— Ousa assim falar-me? — preguntou o ministro, acrescentando: — Donde lhe vem a audácia?

— Que importa ao que nós dizemos que V. Ex.ª se levante? — volveu o inaciano.

Começou o interrogatório referente ao Maranhão, ao qual respondeu com a mesma serenidade, mas o conde de Oeiras acoimou os jesuítas de traição ao rei,

ao que êle volveu negando tais atitudes e acrescentando:

—Julgar-me-ia o mais culpado dos homens se as soubesse e as calasse.

Depois, cônscio do que afirmava, juntou ao depoïmento êstes dizeres:

—Saiba V. Ex.ª que para êsse indivíduo acusar, caluniosamante os padres do Maranhão, Sua Majestade, a-pesar-do seu poder, não tem, nos seus extensos domínios, nem bastantes recompensas para me seduzir, nem bastantes suplícios para me assustar.

O ministro mandou-o volver-se ao cardial, que não o quis ouvir. Reentrou no colégio de Santo Antão onde declarou, aos seus companheiros, que escrevera o rascunho da carta para o rei, sugestionado por vozes íntimas. Dizia-se guiado pela vontade divina.

Em 11 de Janeiro foi prêso, com êles, e declarado dos principais culpados do atentado contra o soberano. Não o executaram com os Távoras, Atouguia e Aveiro. Deixaram-no no cárcere onde ensandecia. Diziam-no santo mas falavam em voz baixa cheios de mêdo do ministro. Passou aos subterrânios da inquisição, acusado de hereje, porque escrevera no escuro da masmorra uma obra intitulada:

«Vida heróica e admirável da gloriosa Santa Ana, ditada por Jesús a Sua Santa Mãi». Negou que a tivesse escrito e também a intitulada «Tratado sôbre a vida e reinado do Anti-Cristo».

Um prêso que o acompanhara, de nome Pedro Homem, declarou-o autor daquele primeiro trabalho mas não dos termos que lhe atribuiam; enquanto ao segundo era obra de Platel, que a escrevera por ordem do conde de Oeiras.

O padre Malagrida prégando após o Terramoto

Algumas das suas confissões são de um louco, embora no processo as dêem por ajuizadas.

Louco fôra êle ao desafiar a cólera do poderoso ministro.

Uma das respostas do reverendo era perfeitamente alucinatória: «que a marquesa de Távora muitas vezes lhe havia aparecido; e que sendo, por êle, repreendida de haver concorrido para um excesso ímpio e sacrílego contra a promessa que a mesma lhe havia feito de não ofender a Deus em culpa mortal; e que lhe havía respondido a dita Marquesa que se originara a sua miséria da maldita e injusta suspensão dos Padres da Companhia; porquanto, faltando-lhes êstes, fôra afrouxando no propósito que tinha feito nos exercícios, de freqüentar cada oito dias os Sacramentos e se precipitara, convindo com seu marido na execução do seu desatino; mas que estava no Purgatório aliviada das penas com os sufrágios que êle, declarante, por ela havia feito».

Eis como foi acusada, depois de morta, por um padre de razão perdida, a nobre mulher que jàmais confessara o crime que lhe atribuiam.

Para se vêr o verdadeiro estado de espírito do réu basta transcrever outro ponto do interrogatório. Depois de dizer que Santa Ana lhe aparecia, bem como Cristo e vários santos, declarou:

«Que a Virgem Maria Senhora Nossa concebera no seu sacratíssimo ventre o Verbo Divino, sendo já desposada com S. José; mas que, depois, lhe foi revelado o contrário a isto e assentara que a incarnação do Verbo fôra anterior aos desposórios».

Com estas e outras frases concorria para ser condenado por hereje. Dêste crime o declararam culpado os juizes Pedro de Brito Caldeira, Jerónimo Rogado de Carvalhal Silva, Joaquim Jansen Muller e Luís Barata de Lima.

A Mesa do Santo Ofício de que êles faziam parte concluiu:

«O mesmo Reu, pela prova da Justiça e suas próprias declarações, estava convencido no crime de heresia e de fingir revelações, visões e locuções, e outros especiais favores de Deus, para ser tido e reputado por Santo: e como Hereje de nossa Santa Fé Católica, convicto, ficto, falso, confitente, revogante e profitente de vários êrros heréticos, foi julgado e pronunciado.

Depois do que, tendo o Reu conhecido que as demonstrações festivas, que ouvira, eram os sinais com que os fiéis vassalos portugueses davam mostras do seu incomparável contentamento e alegria pelo benefício da mão de Deus, que, lembrando-se dêste Reino, tinha dado nova descendência aos seus Augustíssimos Monarcas, pediu audiência. E continuando com os seus costumados fingimentos, se queixou outra vez de que na Mesa do Santo Ofício se não desse crédito às suas profecias e revelações, tratando-o como hereje e embusteiro, sem se advertir que os Santos, que tiveram revelações verdadeiras, foram, em algumas ocasiões, ilusos como êle declarante, que confessava o tinha sido quando declarou que El-Rei Senhor nosso era falecido.

E por entender o mesmo Reu que ainda fazia acreditar os ditos fingimentos e as suas falsas profecias e revelações, chegou, então, a dizer que se lhe havia revelado o feliz parto da Princesa nossa Senhora, a quem o mesmo Deus concedera uma filha, para efeito de se conhecer que os dois Sereníssimos cônjuges não tinham impedimento para dar à Casa Real dêste Reino a sucessão varonil que se desejava. E que sabia, por meio da revelação, que haviam ainda ter filhos varões.

E para que o temor e mêdo da severidade e do rigor da justiça pudesse obrar no Reu o que não obraram as admoestações, a brandura e as mais diligências com que o S. Ofício o procurou reduzir ao verdadeiro

caminho da sua salvação, se lhe deu notícia do assento que em seu Processo se havia tomado: E permanecendo em sua obstinação e contumácia, sem querer confessar e reconhecer suas culpas, foi finalmente citado para ir ao acto público da Fé ouvir sua sentença, pela qual estava mandado relaxar à Justiça Secular. Nestes termos, pedindo o Reu audiência do cadafalso, não disse cousa de novo que fizesse alterar o assento que se havia tomado.

O que tudo visto, com o mais que dos autos consta e disposição de direito em tal caso, sendo examinada a qualidade das culpas do Réu, com a consideração que pedia a gravidade da matéria: e como êle não quis deixar a sua obstinação e se conservou até agora na sua cegueira e impenitência. *Christi Jesu nomine invocato*, declaram ao Reu, o Padre Gabriel de Malagrida, por convicto no crime de Heresia, por afirmar, seguir, escrever e defender proposições e doutrinas opostas aos verdadeiros dogmas e doutrina que nos propõe e ensina a Santa Madre Igreja de Roma; e que foi e é hereje da nossa Santa Fé Católica, e como tal incorreu em sentença de excomunhão maior e nas mais penas em Direito contra semelhantes estabelecidas; e como hereje e inventor de novos êrros heréticos, convicto, ficto, falso, confitente, revogante, pertinás e profitente dos mesmos êrros, Mandam que seja deposto e actualmente degradado das suas ordens, segundo a disposição e forma dos Sagrados Canones, e relaxado, depois, com mordaça e caròcha, com rótulo de Heresiarca, à Justiça Secular, a quem pedem com muita instância se haja com êle, Reu, benigna e piedosamente, e não proceda a pena de morte nem a efusão de sangue. — *João Pedro de Brito Caldeira. Jerónimo Rogado Carvalhal Silva. Joaquim Jansen Muller. Luís Barata de Lima.*

Seguiu-se, porém, a sentença nestes termos: Acordam em Relação, etc. Vista a Sentença dos Inquisidores, Ordinário e Deputados do Santo Ofício; e como por ela se mostra ser o Réu Gabriel Malagrida, que foi Religioso Sacerdote da Companhia denominada de Jesús, hereje de nossa Santa Fé Católica, e como tal relaxado à Justiça Secular, precedendo degradação actual de suas ordens, pública e jurìdicamente feita: e vista a disposição do Direito e Ordenação em tal caso, o condenam a que, com baraço e pregão, seja levado pelas ruas públicas desta cidade até à praça do Rossio, e que nela moirra morte natural de garrote, e que, depois de morto, seja seu corpo queimado e reduzido a pó e cinza, para que dele e de sua sepultura não haja memória alguma. E pague os autos. — Lisboa, 20 de Setembro de mil setecentos e sessenta e um. — *Gama. Castro. Lemos. Xavier da Silva. Geraldes. Seabra. Carvalho. Silva Freire.*

DIZ Francifco de Magalhaens, e Brito, efcrivaõ da Correiçaõ do Crime da Corte e Cafa, que no feu Cartorio fe achaõ huns Autos publicos com huma Sentença proferida contra Gabriel de Malagrida: e porque faõ tantas as peffoas, que pertendem certidoens della, que naõ he poffivel haverem amanuenfes para a extrahirem com a brevidade, com que fe pedem; e defeja o fupplicante fazer imprimir a dita Sentença: para o que

Pede a V. M. lhe faça mercê conceder licença para poder mandar fazer a impreffaõ da dita Sentença

E R. M.

Como pede · mas naõ deixará fahir extracto algum fem que primeiro o confira, e fubfcreva. Lisboa, 24 de Setembro, 1761.

Gama.

Primeira página do processo do padre Malagrida

SUMÁRIO DO PRÓXIMO NÚMERO DO «ARQUIVO NACIONAL»

A propósito da Assembleia Nacional: O primeiro Parlamento Constitucional, Juramento de D. João VI ante as Côrtes Constitucionais; os trâmites da lei eleitoral vintista; como foram eleitos os deputados — O Estado de Portugal no ano de 1805, segundo os despachos curiosíssimos de Junot para Tayllerand; a recepção do embaixador francês; como êle viu os ministros e o Regente — Legendas da Cidade Invicta: Póvoas e os «Patuleas»; a proclamação liberal de um chefe miguelistas — A rehabilitação de Gomes Freire: Como se esclarece a sua acção em França; propósito firme de não responder, por escrito, aos actuais detratores da memória do general — O colégio dos jesuítas de Santo Antão, antepassado do Hospital de S. José: O que era o coleginho; como passou aos gracianos — A patologia de D. Sebastião analisada, por um médico célebre — O primeiro discurso parlamentar de Alexandre Herculano: Evocação do grande homem de letras em época eleitoral, etc.

DUELO DE MORTE

O PROFETA DO TERREMOTO DE 1755

De como o Marquês de Pombal venceu o seu terrivel inimigo padre Malagrida

CRIOU-SE uma lenda em volta do padre Malagrida fazendo crer que êste desventurado sacerdote adivinhara o terremoto de 1755.

Diz-se que «dias antes desta pavorosa catástrofe, passava o santo missionário em uma das mais concorridas praças de Lisboa, e vendo os mercadores a remexerem-se na costumada freima, suspirou e disse a meia voz, de modo que o companheiro o ouviu: «Ah! quantas fadigas por tudo isso que tão breve se vai extinguir!»

Salienta-se ainda que, «costumando êle dizer missa muito tarde, no dia do sinistro disse-a muito cedo, e logo depois da acção de graças, foi procurar o padre Francisco de Portugal, que por doente se levantava mais tarde que a comunidade. Ia no propósito de o fazer sair da cama; porém, achando-o já vestido, saíu sem nada dizer, e foi ao refeitório tomar um frugal almôço (o que já não fazia desde muito tempo).

«O irmão, encarregado do serviço, admirou-se de o ver, e preguntou-lhe porque vinha almoçar tão cedo, contra o seu costume. «É que me faltava o tempo para vir mais tarde» — respondeu Malagrida. E passou logo à capela, fechou-se no confissionário, rodeado, como sempre, de muitos penitentes.

«Esteve êle ali, havia duas ou três horas, quando sùbitamente começou a terra a tremer com um surdo rugido; seguiram-se os abalos uns aos outros; daí a pouco as paredes da igreja desmoronaram-se com estrondo e ao mesmo tempo as pedras, desatadas da abóbada, esmagam os fiéis reünidos na capela. Rompem de tôda a parte gemidos e gritos lamentosos. A êste doloroso espectáculo, Malagrida ergue os olhos cheios de lágrimas para o céu, e exclama como David outrora: *Paratum cor meum, Deus, paratum cor meum!* — O meu coração está pronto, Senhor, o meu coração está pronto!»

Isto deu origem à lenda da profecia do padre Malagrida.

Fanático como era, êste missionário estava convencido de que a justiça divina não deixaria de fulminar os pecadores como sucedera com Sodoma e Gomorra.

Após o terremoto, foi publicado um folheto em que se demonstrava que o «flagelo não procedia senão de causas puramente naturais, sem dependência da intervenção de um Deus vingativo».

Malagrida, sabendo que êste folheto fôra encomendado por Sebastião José de Carvalho, replicou num outro que intitulou: *Juízo da verdadeira causa do terremoto que padeceu a côrte de Lisboa no primeiro de novembro de 1755.*

Na opinião do padre Malagrida, a catástrofe fôra devida à falta de culto religioso.

E então salientava:

«Não foi pelo desprêzo do seu Templo, que Deus mandou dois anjos despedaçar com açoites tão rigorosos a Eliodoro? Não foi pela vingança do seu Templo, que mandou do mesmo santuário uma escolta de chamas a devorar Nadab, e a Biud, só pelo descuido de não observar nos sacrifícios alguns ritos, como era queimar o incenso a Deus, como fogo usual e profano? Não foi por vingança semelhante do Templo, que encheu de lepra o rei Uzias? Por vingança do Templo exterminou do trono a Manassés, e o mandou cativo com o seu povo para a Babilónia. Por vingança do Templo privou do reino e da vida a Baltazar, na mesma noite em que profanou com a intemperança do seu convite, os vasos sagrados. Pela vingança do Templo castigou da mesma forma a Senacheribe e fêz despedaçar com um horrendo parricídio...»

E, neste tom, vai procurando demonstrar que a pavorosa catástrofe se devia aos erros

«Cuidar dos vivos e enterrar os mortos...»

impiedosos do povo... e, como se deduz, de quem o mandava.

Escusado será dizer que a Sebastião José de Carvalho não agradou a réplica do padre Malagrida, tanto mais que o receava pela influência que o missionário ia tendo na côrte. Mais dia, menos dia, o padre, com as suas constantes ameaças das penas eternas, empolgaria o ânimo do monarca, que afastaria Sebastião José das altas funções de primeiro ministro, se não viesse a dar-se coisa pior.

Era, portanto, absolutamente preciso conjurar o perigo.

Ora, Sebastião José sabia tratar dos seus assuntos sem precipitações. Não se apressou, para chegar a tempo.

Conhecia o poder dos jesuítas, e sabia que se não os surpreendesse numa emboscada engenhosa, seria êle o vencido.

Assim esperou dias, meses e anos...

Mas o padre Malagrida sabia que Sebastião José andava tramando qualquer coisa de terrível contra êle. Não se intimidou, a-pesar-de tudo. Aquêle ancião de setenta anos tinha a audácia e a temeridade dum jovem.

Para êle, o marquês de Pombal era o diabo, que era necessário sacudir com um azorrague salpicado de água benta.

Escrevendo ao padre provincial, retratava assim Sebastião José:

«Esta manhã me apareceu o demónio debaixo de horrível forma, e me ameaçou, a mim e à Companhia, com perseguição cruel. «Se não cessas, me disse êle, de dar exercícios, perseguir-te-ei sem tréguas até à morte». Eu lhe respondi: «Sai daí, miserável!»

Numa outra carta, com data de 30 de Julho de 1757, dirigida ao padre José Ritter, antigo confessor da rainha, então retirado na Alemanha, Malagrida escrevia:

«De mim que vos direi? Sou ameaçado mais que ninguém. Ainda vivo, mas arrasto minha existência por entre tôdas as misérias imagináveis.

«Que Deus seja bendito!

«Nada há mais odioso que o meu nome, a certos personagens altamente colocados na côrte. Diligenceiam perder-me no conceito do rei, com mil acusações caluniosas, que tenho pejo de referir; querem a todo custo impedir que o povo siga os exercícios; e, não obstante, eu já os fiz cêrca de quarenta vezes em Lisboa, com resultados consoladores. Fundei aqui uma casa de retiro, graças à protecção de Aquela que ditou os exercícios; é esta a única de nossas casas que está intacta da destruïção do incêndio, e do tremor de terra: tôdas as outras são ruínas de alto a baixo.»

Entretanto, Sebastião José, que era o principal dos tais *personagens altamente colocados na côrte*, ia esperando o momento de esmagar o seu feroz inimigo...

Deu-se o atentado contra el-rei D. José. Era a altura de agir, mas com prudência. Aproveitando-se de certos boatos que circulavam por tôda a Lisboa, e aos quais não deveria ser estranho, denunciou ao soberano uma conjuração, da qual participavam os jesuítas e alguns dos principais fidalgos da côrte. O rei, aterrado, encarregou logo o seu primeiro ministro de castigar os culpados.

Sebastião José preparou-se então para dar o golpe. Urdiu com todo o cuidado a teia em que havia de enredar os seus inimigos.

O padre Malagrida tivera alguma interferência no atentado? É possível. O duque de Aveiro, forçado pela tortura, pronunciou o nome de Malagrida e falou nos jesuítas.

Entre os papéis apreendidos ao padre Malagrida foi encontrada uma carta escrita pelo seu punho, antes de se ter dado o atentado contra o rei, e na qual êle declarava conhecer a conspiração que se estava engendrando. Sebastião José ia ganhando terreno.

Encontrando-se em Setúbal, o padre Malagrida foi chamado sùbitamente à capital pelo cardial Saldanha, que, sem se dignar recebê-lo, o remeteu a Sebastião José.

Os dois inimigos voltaram a encontrar-se, frente a frente. Ia travar-se um duelo terrível que terminaria pela morte de um dêles.

O primeiro ministro avançou para o padre com um papel na mão, e disse-lhe:

— Esta carta foi achada na sua banca. Foi o padre que a escreveu?

— Fui eu — respondeu Malagrida, lançando um rápido olhar ao escrito.

— Nesse caso — preguntou o ministro — estava o padre sabedor do que se tramava contra os dias do nosso augusto soberano?

— Com efeito — respondeu Malagrida — uma voz interior me tinha dito que o rei correria perigo em época desconhecida por mim. Entendi ser meu dever prevenir sua majestade. Eis porque eu escrevi essa carta, que conservei entre outros papéis, esperando ocasião propícia de a fazer entregar ao rei.

Padre Malagrida

— Mas — replicou Sebastião José — porque a não fêz chegar a sua majestade por intermédio de algum secretário de Estado?

— Porque eu queria — respondeu o padre — que lhe fôsse realmente entregue.

— Ousa assim falar-me? — rugiu o ministro erguendo-se. Donde lhe vem tanta audácia?

— Que importa ao que nós dizemos — respondeu Malagrida desdenhosamente — que V. Ex.ª se levante?

Pombal não deu largas ao seu furor. Dissimulou como pôde a raiva que lhe refervia no peito, e despediu o jesuíta.

Quinze dias depois, ordenou a sua captura.

E, após trinta e dois horrorosos meses de cárcere, foi Malagrida conduzido ao cadafalso, onde foi garrotado e queimado.

Sebastião triunfara do seu poderoso inimigo, podendo, assim, conservar o poder até à morte de D. José.

AS CARTAS INÉDITAS DO PADRE MALAGRIDA PARA A MARQUESA DE TÁVORA

Será possivel uma permuta de documentos históricos entre o Brasil e Portugal? — Uma palestra com o dr. Alcides Bezerra, director do «Arquivo Nacional», do Rio de Janeiro — O processo dos Távoras não pode ser permutado — Documentos sôbre a invasão de 1808

O DR. João Alcides Bezerra Cavalcanti, director do Arquivo Nacional dos Estados Unidos do Brasil, é, incontestàvelmente, uma das grandes capacidades no seu «métier». É seu desejo estabelecer uma permuta de documentos históricos entre Portugal e Brasil. Quando estivemos na sua repartição a fim de examinar o processo dos Távoras, o dr. Bezerra Cavalcanti concedeu-nos a seguinte entrevista:

— O Arquivo Nacional, repartição subordinada ao Ministério da Justiça e Negócios Interiores, destina-se a adquirir e conservar, cuidadosamente, e sob classificação sistemática, todos os documentos concernentes à história e à geografia do Brasil, e quaisquer outros que o Govêrno determinar.

«Além do Arquivo Nacional há os arquivos dos vários Ministérios e cada Estado da República tem o seu. O do Ministério das Relações Exteriores é o mais rico e está luxuosamente instalado. Dispõe da mais moderna aparelhagem para desinfecção dos documentos. No nosso clima os papéis sofrem contínuo ataque de insectos vorazes.

O dr. Alcides Bezerra, director do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro concedendo uma entrevista ao nosso redactor no Brasil, D. António de São Payo

«O actual regulamento do Arquivo Nacional baseia-se nos anteriores; apenas modificou vários artigos e aumentou outros para reger matéria nova, sem contudo mudar a antiga estrutura.

«Deve haver muita prudência na reforma dos regulamentos...

«O nosso sistema é o francês: conservar melhorando.

— Quantas secções tem o Arquivo?

— Quatro: a administrativa, a histórica, a legislativa e judiciária e a da biblioteca, mapoteca e sala de consultas.

«A primeira ocupa oito grandes armazens de depósito e uma sala onde trabalham os funcionários. É a maior e a mais procurada, visto que guarda os documentos mais recentes. Tôda a correspondência das antigas províncias até 1889, data da proclamação da República, ali se encontra, devidamente classificada e encadernada. Por essa correspondência, poder-se-ia fazer a história da centralização imperial no seu aspecto administrativo. Na secção histórica predominam os documentos coloniais: correspondência das capitanias, cartas régias, processos daquela fase, correspondência activa e passiva com Portugal, etc. Também nela se arquivam os documentos das repartições extintas e os processos políticos. Exemplos: a magnífica colecção das actas do Conselho de Estado, a devassa da inconfidência mineira, de que resultou a morte de Tiradentes, os processos movidos contra os revolucionários pernambucanos de 1817, 1824, 1848... contra os farroupilhas riograndenses de 1835. O Arquivo está a publicar os documentos da República de Piratinin, para celebrar o seu centenário, que passa no próximo ano.

«Na secção legislativa e judiciária, a última parte é a mais desenvolvida. Explica-se o caso: há os arquivos do Senado e da Câmara dos Deputados, ciosos de seus documentos e que os não recolhem ao Arquivo Nacional, que aliás, não teria espaço para acumular tudo. A parte judiciária compõe-se de mais de 300.000 autos de processo. A cada um corresponde, no ficheiro, uma ficha. Essa secção é muito procurada pelos advogados e pelas partes, que sáem muito satisfeitos em virtude da presteza com que são atendidos.

— E a quarta secção?

— Duas palavras sobre ela. A biblioteca conta mais de 16.000 volumes. Possui as maiores raridades da bibliografia histórica referente ao Brasil. Tem a enri-

quecê-la colecções de leis, desde as mais antigas ordenações do Reino de Portugal, de relatórios, de mensagens.

«A biblioteca tem uma secção de arquivística, neologismo que designa a ciência dos arquivos. Nessa secção técnica figuram, ao lado dos clássicos em paleografia e diplomática, como Mabillon, os mais modernos tratadistas, como Eugénio Casanova, justamente considerado o mais completo sôbre arquivística. Também guarda uma óptima colecção de catálogos e regulamentos de arquivos europeus, americanos e até asiáticos. O regulamento do Arquivo Imperial japonês, temo-lo no original e em autêntica tradução portuguesa.

«Há obras que valem alguns contos de réis, como a botânica de Martius avaliada em dez. As viagens de Castelnau custam outro tanto. Livros de um, dois, três contos há muitos, bem conservados.

«Como vê, a biblioteca é pequena, mas preciosa. Presta grandes serviços aos funcionários do Arquivo e ao público.

— Publica, a Repartição, documentos?

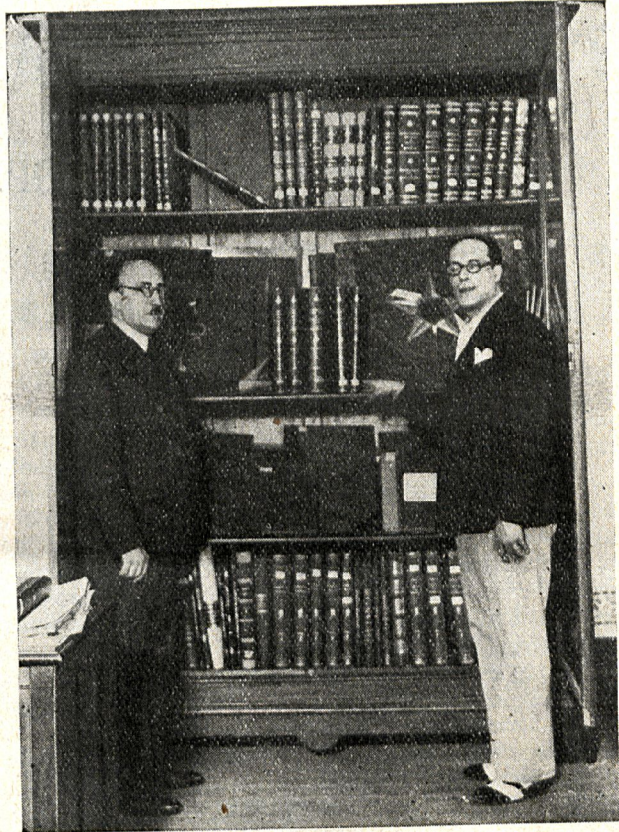
— Sim. Há em publicação duas séries: a série antiga intitulada «Publicações do Arquivo Nacional», cujo volume XXX acaba de sair, e a série moderna «Documentos Históricos». Esta é comum à Biblioteca Nacional. Está no 28.º volume. Até o volume 20.º as despesas foram custeadas por esta repartição. Temos uma pequena oficina tipográfica e de encadernação. As publicações são enviadas gratuitamente às instituïções culturais de todo o mundo, até para o Japão. A biblioteca da Universidade de Coimbra recebe-as. Todavia, não nos remete as suas...

— O Arquivo está bem localizado?

— Êste palácio, feito ainda na época colonial e várias vezes reformado, a última em 1907, fica próximo de quartéis e de casas comerciais. Também já está pequeno. Portanto, não só está pèssimamente localizado, como também é insuficiente para o fim a que se destina.

«O Govêrno da República cogita em mandar construir, fora do centro da cidade, em bairro familiar, um prédio magestoso e seguro, com todos os requisitos, para nêle guardar os documentos nacionais.

— Há documentos que interessem particularmente a Portugal?

— Milhares. E, pensamos em fazer permuta com outros que interessem, especialmente, ao Brasil. O Govêrno brasileiro já deu permissão para a troca. Os documentos serão relacionados e remetidos em pequenas partidas, por intermédio do Ministério das Relações Exteriores. O dr. Valentim da Silva, ex-secretário da Embaixada de Portugal, em 1930, examinou-os cuidadosamente, colhendo interessantes notas. Dizem respeito, sobretudo, à invasão de 1808.

O armário do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro onde se guarda o processo dos Távoras: o dr. Alcides Bezerra e o jornalista D. António de São Payo, nosso redactor no Brasil, mostram os volumes do citado processo e as cartas do Padre Malagride para a marquêsa de Távora.

«O meu particular amigo, o glorioso almirante Gago Coutinho, está empenhado em que se dê comêço a êsse intercâmbio. Também êle pleiteia a ida provisória do processo dos Távoras, a fim de ser estudado pelos historiadores portugueses. Êsse processo não pode ser permutado, pelo motivo de conter várias cartas de Malagrida. Êsse jesuíta interessa à história do Brasil, porque durante cêrca de dezassete anos viveu entre nós e esteve em missão de catequese de selvícolas.

«O êxito dessa projectada permuta de documentos dependerá também da boa vontade dos arquivistas portugueses. Esperamos que nos mandem coisas interessantes à história colonial, sobretudo referentes aos bandeirantes, os devassadores do território nacional.

D. António de São Paio

Ler no próximo número as primeiras das dezassete cartas inéditas do padre Malagrida para a marquesa de Távora.

SUMÁRIO DO PRÓXIMO NÚMERO

A abertura das antigas Câmaras: Algumas sessões célebres desde 1821 a 1834—1863 a 1911; a primeira assembleia republicana — As cartas inéditas do Padre Malagrida para a marquesa de Távora — Legendas da Cidade Invicta, Velhos jornais portuenses — Fastos da Província: Ourem e o seu passado — O Sarre será francês ou alemão? — O Processo de Gomes Freire. Documentos que o ilibam — Fastos da Província: Um avoengo de Camões em Alenquer, etc.

As cartas inéditas do Padre Malagrida para a Marquesa de Távora

CATEQUIZAÇÃO IMPRESSIONANTE — O JESUÍTA E A SUA OBRA NO BRASIL
A RAINHA D. MARIA ANA E O INACIANO — SUA ACÇÃO QUANDO DO TERRAMOTO — CONHECIMENTO COM A MARQUESA DE TÁVORA E CONDESSA DE ATOUGUIA

Foi o alto espírito de Gago Coutinho que revelou aos portugueses a existência do processo dos Távoras no Arquivo Nacional, do Rio de Janeiro. O ilustre cientista referia, num artigo, que junto dêsse documento se encontravam dezassete cartas inéditas do padre Gabriel Malagrida para a marquesa de Távora, a infeliz D. Leonor.

Desejámos ler essas missivas do jesuíta e pedimos ao nosso redactor na capital federal, o ilustre jornalista D. António Pedro de São Payo, que as obtivesse, o que conseguiu mercê das atenções do sr. dr. Alcides Bezerra, director daquele estabelecimento literário, a quem agradecemos a gentileza.

Vamos publicar as cartas do inaciano para a fidalga que acabou no patíbulo, procurando extraír delas alguma coisa que defina o carácter de ambos e da nobre família condenada ao cadafalso, três anos depois do recebimento dessas letras escritas em estranha linguagem e reveladoras de singular estado de espírito.

Quando se deu busca ao palácio dos marqueses, encontraram-se as cartas, que, juntas ao processo, foram levadas para o Rio de Janeiro quando a côrte para lá se transportou em 1807, ante a invasão francesa.

Para se compreender o espírito de quási tôdas elas torna-se preciso anotá-las, o que faremos depois de explicarmos a missão de Gabriel Malagrida em Portugal.

*

Jesuíta desde 1711, estava em 1721 nas missões do Brasil. Contava trinta e dois anos.

Prègou no Pará e Maranhão, missionou os índios Tupinambás, Guaranis e Barbados, depois de ter sido professor num dos colégios da Companhia. Era italiano, filho de um médico; recebera educação, que se aperfeiçoou nas casas de Santo Inácio.

O grande intuito do padre consistia em fundar estabelecimentos de ensino e doutoramento. Fazia o seu apostolado; solicitava esmolas e, trabalhando, conseguiu o seu fim. Dêste modo nasceram a casa das ursulinas, da Baía, para donzelas desamparadas, e os seminários da Paraíba e do Pará.

Viera a Lisboa solicitar subsídios para as suas obras e assistira aos últimos momentos de D. João V. Pusera-se em contacto com a mais alta nobreza. D. Maria Ana de Áustria, a viúva do monarca, tinha por confessores dois jesuítas austríacos, os padres Ritter e Hogger; ouvira-os falar do italiano; conhecera-o junto do leito de agonia do pecador soberano e pretendera que voltasse a Portugal. Caíra em piedade extrema. Malagrida deixou o Brasil. Sentira a necessidade de missionar em Lisboa e, em 1754, pretendia fundar uma casa de exercícios espirituais. O povo era avesso às práticas; desconfiava dos jesuítas, mas depois do terramoto, ao ouvir prègar o excitado padre, com a voz da eloqüência e arreigada fé, submetera-se para logo o seguir reverentemente, quási com fanatismo.

Sebastião José de Carvalho e Melo sentira nele um elemento perigoso para a sua obra. As multidões aplaudiam-no; os ricos acolhiam suas prédicas, ante a sujeição de muitíssimos fidalgos.

Interpelado, certa vez, à entrada do paço, em virtude de não cumprimentar o estadista, êste viu-o logo a saudá-lo, mas, ao mesmo tempo, a referir-lhe os desmandos de seu irmão Francisco de Mendonça, no Brasil.

Acirrou-se mais a cólera do futuro marquês de Pombal. O jesuíta prègava constantemente; já fizera quarenta turnos na capital quando foi desterrado para Setúbal por ordem do ministro, no ano de 1756. Ia nos sessenta e sete anos. Conforme a sua missão, fundou as casas de Exercícios Espirituais no lugar do destêrro. É desta data a maior parte da correspondência com a marquesa de Távora.

Pouco antes, o reverendo fizera as suas prédicas na Junqueira, onde os Távoras viviam em barracas, junto do palácio dos Ribeiras. Temia-se sempre a repetição do terramoto. A condessa de Atouguia, D. Mariana Bernarda de Távora, filha dos grandes fidalgos, também ali residia. A condessa de Atouguia escutara o jesuíta e entusiasmara-se. Chamou-o para seu director espiritual. Seguiram o prègador nos diversos lugares de prédica, e quando orou na Carreira dos Cavalos, ante numerosíssimo auditório, lá estavam a marquesa e a filha escutando suas palavras.

Antes do destêrro para Setúbal já o padre doutrinava por meio de cartas. Estabeleceu-se a correspondência com a condessa e além disso — escreveria, depois, a infortunada senhora — enviava uma missiva mensal, que era a exortação destinada a ela, a sua mãe, e à marquesa de Angeja.

Devem pertencer a essa série as dezassete cartas que existem, com o processo dos Távoras, no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

Eis a primeira:

Ex.ma e Estimad.ma M.a S.a Marq.a

Não tenho palavras p.a encareçer â V. Ex.a a satisfação, consolação, e admiração, que recebo em ver a Cond.a sua F.a, e V. Ex.a tão animadas e attentas em executar aquelles fracos ensinos q' lhes pode administrar tão ruim cabeça como a minha! Creame m.a Marq.a, pereçeme maior milagre e benef.o q' Deus N.o S.or favoreçesse â Cond.a com tão eroico procedim.o, do que se lhe tivesse resuscitado a mesma dittosiss.a filha; porque em resuscitar a filha não avia d'encontrar o braço Omnip.e nenhuma minima repugnancia; mas em elevarnos a tão eroica constancia e amor e submissão total ao seu querer divino, quantas repugnancias, e difficuldades e contradiçoens dos nossos apetites!

Emfim eu me regalo de ter tão boas discipulas; e tenho em agradecim.º ao Al.mo, e p.ª V.V. E.E. e suas cazas offerecida a missa; e offereço a ellas todo o meu coração: Eu as aceito p.ª discipulas, ainda que avia de ser ao revez: mas com este p..to que sejão minhas comp.as e coapostolas em atrahir quantas puderão de sua esfera â abrazar-se todas no serviço e amor de tão bom Senhor: Não conhecer não apalpar q' esta hé a verd.ª vida, o verd.º emprego, a unica consolação, e paraiso q' pudemos ter não só n'outra vida, mas tãobem n'esta mesma! Porque não avemos de compadeçernos das maes que se vão mettendo em hum miltiplicado inferno e cá e lá. Este hé o maior sacrif.º, q' pudemos offerecer a Jesu Cr.º o zelo das almas remidas com o seu sangue. Que cilicios, que discipl.as que jejuns a pão e agoa! dar traça ao entendim.º, e contrafazerse V.V. E.E., dar, lidar, estudar p.ª q' todas conheçen q' não ha outro bem verd.º, não ha outra honra, outro triunfo, outra alegria, outro Reino, outra Coroa de ... por amor de tão divino S.or trazer rendidas aos seos pés, e cheas render do seo amor as suas almas. Não tenho tempo para maes: logo mandarei a secunda instrucção ou a 2.ª p.e, mas desejo m.to q' tãobem V.V. E.E. lhe metten as suas maos, e ajuden a barca pode V.... quando algum dia soceda faltar ao instrum.º suplir nos outros diais, e roguen p.ª este triste .et.or

O Servo o maes Hum.º de V. E.

Gabriel Malag.ª

No sobrescrito:

A Ill.ma e Ex.ma S.ª Marq.ª de Tavora g.e Deos m.os an.

Lisboa

O Arquivo Nacional do Rio de Janeiro

O inaciano escrevia mal em português.

Sabia, porém, convencer as devotíssimas senhoras, exaltando-lhes os sentimentos religiosos em excessiva catequese.

A segunda, que publicamos a seguir, demonstra como o reverendo solicitava auxílios ante «mil dificoltades que sempre se levantam nas obras de maior serviço de Deos».

Ill.ª e Ex.ma S.ª

Hontem foi o Lumiar por causa do Jubileo instituído. A S.ª Marq.ª d'Anjeja m'encomendou m.to dissesse a V. Ex.ª q' aceleri esse negocio dos Exerc.os p.as S.as poes so desejava entrar e ajudar a metter â caminho obra de tão gr.e serv.º de Deos, e q' se lembre de que lhe disse q.do V. Ex.ª esteve no Lumiar. O mesmo me disse a S.ª Monteira mor com sua Filha, a S.ª da Silveira, e varias outras q' sospirão esta bella moda ardentem.º e me dizen que não são necess.as tantas S.ras porque quatro a cinco com as suas criadas bastarão a fazer m.to gr.e comunidade; Ja V. Ex.ª vio o Recolhim.º? falou? ajustou? soltou as mil dificoltades que sempre se levantão nas obras de maior serviço de Deos? ou tudo estaja de fuogo morto? N.ª S.ra encaminhe as suas obras e as suas Procurad.as

Casa dos Exerc.os 10 7br.º 756

Hum.º Cr.º de V. Ex.ª

Gab. Malag.ª

A marquesa de Angeja residia na quinta do Lumiar, hoje propriedade dos duques de Palmela.

As devotas queriam o exclusivo das obras pias a realizar. Aumentava a influência do reverendo no ânimo das fidalgas, mas em Janeiro de 1756 já êle não se encontrava em Lisboa. O seu destêrro começara quando publicou o folheto queimado pela mão do carrasco, por ordem do ministro, e que se intitulava: *Juízo da verdadeira causa do terramoto que padeceu a côrte de Lisboa no 1.º de Novembro de 1755.*

Lançava a sua opinião atribuíndo a catástrofe ao castigo de Deus ante a impiedade; combatia as doutrinas espalhadas noutro papel que Sebastião José de Carvalho mandara escrever. O reverendo aconselhava recolhimento e exercícios espirituais e, cheio de importância, pela sua obra, consagrado por ter assistido aos últimos momentos de D. João V, que o chamara e o ouvira consoladamente, tornava-se vulto de tômo, que o estadista pensou, desde logo, aniquilar.

O rei, a rainha, a côrte, escutavam o prègador, que declarava:

«Pela graça de Deus, em Lisboa, como outrora em S. Luiz de Maranhão, a concorrência dos exercitantes é tamanha que a casa destinada a recebê-los é pequeníssima. Viva Jesus! Viva Maria!»

Malagrida ia para o seu destêrro, mas as cartas para a marquesa de Távora e para a sua filha, condessa de Atouguia, continuavam, como veremos, a sua catequese.

As cartas inéditas do Padre Malagrida para a Marquesa de Távora

O jesuita e Sebastião José de Carvalho — O destêrro de Setúbal — Fidalgas obedientes ao espírito do inaciano — Devoção exagerada da condessa de Atouguia — Como Malagrida a queria corrigir.

O PADRE Gabriel Malagrida podia contar com a inimizade mais absoluta de Sebastião José de Carvalho e Melo. O estadista sentia nele o contraditor da sua obra. O reverendo atribuía ao sacrilégio o castigo de Deus; o terramoto proviera da impiedade. Alcançando enorme partido entre o povo e a nobreza, sentia, por instinto, rugir a tempestade que o devia envolver e arrebatar.

Escrevia ao seu provincial: «Esta manhã me apareceu o demónio, debaixo de horrível forma e me ameaçou a mim e à Companhia, com perseguição cruel. Se não cessas, me disse êle, de dar exercícios, perseguir-te-ei sem tréguas até à morte. Eu lhe respondi: Sai daí miserável».

Devia ser mais mesclada a linguagem do inaciano, que os membros da Companhia traduziriam a seu modo.

O irmão coadjutor António Castro ficara com o borrão da missiva, encontrado entre os papéis de Malagrida, antes das buscas feitas pela autoridade.

Outra era sua maneira de se expressar.

Sabemos que em 7 de Janeiro de 1756 estava em Setúbal, que escrevia «Settval», pois dirigia à marquesa de Távora a terceira das cartas que pertencem hoje ao Arquivo Nacional, do Rio de Janeiro, e até agora inéditas.

Dizia assim:

S.ª Marq.ª M.ª S.ra

Quem tal dissera q' hum seo mesmo filho ... e que não bastasse todo o seo amor todas as suas attençoens p.ª divertir hum golpe tão sensivel? Porem entenda minha amadiss.ª S.ª Marq.ª q' estes golpes são ordenados do Altiss.º a grandes intentos. Quer este ... Senhor mas adeantara a V. Ex.ª no seo amor; e p.ª isto são necessarios estes desenganos. Queremos amar a Deos de patrulha com as maes criaturas e talvez menos ainda que as criaturas que emporta que não o digamos se o fazemos? Deos não ha de ir com estes marulhos tanto elle amou e ama a V. Ex.ª como se não tivesse outro objetto do seo amor e do mesmo modo e com a mesma singularidade quer ser amado servido e adorado da V. Ex.ª Este m.ª Marq.ª ha de ser todo o seo estudo o seo empenho o seo desejo a sua vida o maes hé lamentavel cegueira. Se V. Ex.ª tem huma Mãy S.ta não me dirá porq' não procura tãobem a filha viver e morrer S.ta? Ha cousa maes douce maes bella maes rica do que entregarse toda e totalm.e a tão grande amoroso Senhor tomara eu q' ca estivesse ou que assim como sei que outros Fidalgos procurão este governo assim o S.or Marquez o alcançasse p.ª despertala bem n'este particular que não hé tão dificultoso e somos deveras bestas e maes q' bestas se não o procuramos com todo o possivel esforço e especialm.e aquellas a quem Deos deo hum bocado maes de intelligencia, e brio, e capacitade p.ª isto: Hé possivel que saiba eu q' há este bem infinito e q' em punto de morte chorarei a lagrimas de sangue por não avelo amado e procurado q.to me foi possivel e agora não o faça.

Verá que poderoso e amoroso Senhor seja este em hum dos maes estupendos prodigios pratticado n'estes nossos dias com huma Jezuitessa ou Ursulina do Brazil athe o campo grande aos seis de novembro e não so verme como desejava mas ovir toda a prattica que fiz, e athe as ladainhas q' mandei cantar; e apunta athe a hora; e tudo acerta.

Ora Senhora o q' pude ou pode fazer esta pobre e humilde creatura p.ª agradar tanto ao seo Senhor não poderá tãobem fazelo V. Ex.ª a quem deo Deos maior talento? e não acabo de fazelo eu que tenho tanta maior obrigação e esperiencia do q' V. Ex.ª? porem V. Ex.ª não ignora o ditado: bem o prega Frey Thomaz etc.

Beja a mãos de V. Ex.ª este seo

Hum.e Cr.º

Gabriel Malag.ª

Settval 7 Janº 756

É uma algaraviada, da qual se depreende o desejo de vincar no espírito da fidalga a completa entrega à religião. A condessa de Atouguia, muito fanatizada, chamava a estas missivas de ruim estilo: exortações. Lia-as com a mãe e com a marquesa de Angeja.

Até aqui não se vê que pretendesse influir politicamente no seu espírito, mas — disseram os pombalistas — que, dominando-a e a tôda a família, a conduziria, fatalmente, aos fins que tinha em vista: a conjura contra o rei, chefiada pelos mais ilustres fidalgos do reino, como eram Távoras e Aveiros.

Estes tinham a sua residência em Azeitão; o padre estava em Setúbal. Entenderam-se? É nebuloso e bárbaro o processo em que os envolveram e mais cruel o que vitimou o inaciano.

A marquesa de Távora, D. Leonor Tomázia e sua filha D. Mariana Bernarda, condessa de Atouguia, serviam o reverendo e obedeciam-lhe. A marquesa, D. Teresa, sobrinha do marquês e espôsa de seu primo Luiz Bernardo, não fazia parte dêste grupo devoto. Era amante do rei. Os Távoras sabiam-no?

Parece que o esposo da linda fidalga — tão dedicada ao jesuíta — o antigo vice-rei da Índia D. Francisco de Assis de Távora, não se ligava muito às práticas religiosas da sua espôsa e da filha.

Malagrida atraía-as. Evocava a mãe de D. Leonor — D. Inácia de Meneses, filha de D. Rodrigo da Silveira, conde de Sarsedas.

Uma outra senhora desta família fazia também parte do núcleo apologista das do religioso.

Mostrava o marquês fora do grémio onde todos êles viviam. Tornara-se o consolador de dores íntimas da aristocrata. O padre era místico e misterioso nos dizeres.

Na seguinte carta é mais positivo. Escreve em Outubro de 1756, sempre de Setúbal:

Ex.^{ma} e Estimad.^{ma} S.^{a} Marq.^{a}

Oh quanto hé douce e seguro seguirmos o Norte da provid.^{a}, que nos governa, e fiarmos de aquel Piloto, que não pode ter erros nos seos caminhos! Dizen que o meo Juiço do terremoto despertou outros terremotos; e que real.^{te} estou arguido e condennado p.^{r} enfamar n'elle m.^{ta} gente etc. (isto seja dicto entre nos p.^{a} que veja a m.^{ta} confiança que faço de V. Ex.^{a}) mas como tudo foi unicam.^{e} não para agradar a ninguem, mas p.^{a} fazer a m.^{a} obrigação de Pregador, e mission.^{o} de Jesu Cr.^{o} que hé clamar contra os publicos vicios e escandalos; e apuntar os verd.^{os} caminhos p.^{a} aplacar a indignação divina, e fugirmos castigos maes lutuosos, tomara eu p.^{r} tão bom Senhor perder mil vidas; jurolo que estou todo cheo de alegria, e tomara ter presente a V. Ex.^{a} p.^{a} comunicale todo o meo coração; e a torto e direito teimar com ella p.^{a} que despresando eroicam.^{e} todo este despresado mundo bruto, se largue toda e totalm.^{e} nas maos e amor de tão bom Senhor que eu sei certam.^{e} que muore de amor por ella.

Pretendo de dar os exerc.^{os} mas custa m.^{to} em tão grandes ruinas achar ritiro capaz p.^{a} homes. Se no Recolhim.^{o} de N.^{a} S.^{a} no qual fiz 30 cubicolos não estivessem algumas donzellas que eu não as metti não podia aver melhor lugar a Igreja não pode ser melhor, ainda que me vejo tão falto de meios e em terra tão miseravel espero não se restaurar as poucas ruinas mas fexar a cerca se V. Ex.^{a} cá estivesse podria ser sportola e minha valenos (sic) comp.^{a} p.^{a} conversão exerc.^{os} e fortificação de todas estas mulheres, lhe agradeço a esmola e favor de me encommendar tanto aos 2 capitaens se me podrão ajudar de alguma sorte no d.^{o} empenho estimalo hei m.^{to} porque mourro p.^{a} isto.

Nunca m'esquecerei de pedir a Deos p.^{r} V. Ex.^{a} de quem sou e serei sempre.

Os meos obsequios as S.^{as} Cond.^{as} da Frt.^{a} mãy e f.^{a} e suas cazas.

Todas as veçes q' ca me quizerão p.^{a} os exerc.^{os}, ou novenas etc. com lic.^{a} do P. Proval não faltarei; sem esta não nas posso.

Settval 26 9^{bro} 756

O maes Hum.^{e} e Obr.^{o} Servo

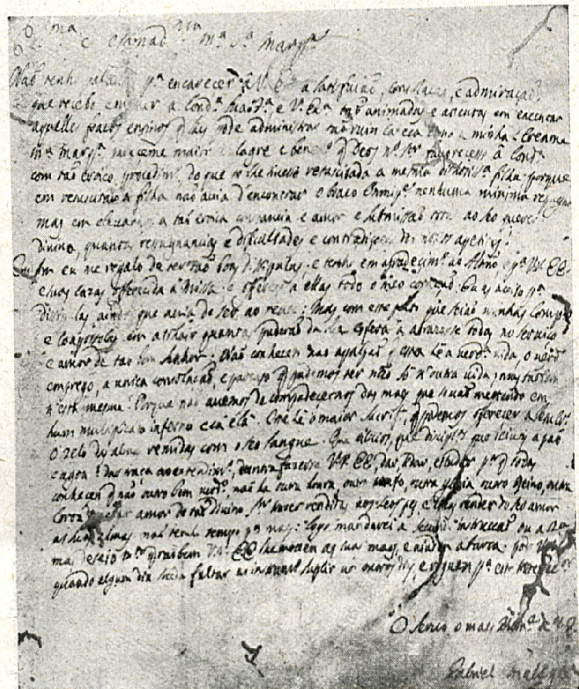
Gabriel Malagrida

Se V. Ex.^{a} quer ter gr.^{e} mereçim.^{o} com Deos e sua Mãy S.^{ma} tãobem n'esta restauração e cerca q' pretendo fazer n'este Recol.^{to} podria procurar p.^{o} P. Diogo meo comp.^{o} 50 ou 60 copias do saiço do terremoto, mas leven o italiano maes emendado e capaz conheçe (sic) repartilas em meo nome para dar huma esmolinha p.^{a} esta obra a qual são dedicadas embora q' sejão seis ou oito vinteins tem m.^{a} cunta. E podia remetter varias ao S.^{or} Marquez etc.

«Dizen que o meo Juiço do terremoto despertou outros terremotos; e que realmente estou arguido e condennado por enfamar n'elle muita gente». Confidenciava-lhe, seguro dela, e chamava-a aos arroubos fanáticos, querendo-a junto dele, para a salvar «deste mundo bruto».

Prosseguia na sua missão e sabia muito bem que corria perigos. Pedira-lhe esmola, uma quotização para edificar o recolhimento.

Refere-se às condessas de Frt.^{a}, mãe e filha, e logo se imagina tratar-se das grandes fidalgas Fronteiras. Naquela época, era chefe da nobilíssima família D. José Luiz Mascarenhas, vèdor da princesa D. Maria Benedita. Fôra cónego, mas renunciara às ordens e o monarca permitira-lhe que herdasse o título deixado vago por morte de seu irmão, D. Fernando José de Mascarenhas, falecido em 14 de Agôsto daquele ano de 1765, no qual Malagrida enviava seus respeitos às condessas da Fronteira (?), mãe e filha. A mãe era D. Ana de Lencastre, filha dos condes de Vila Nova de Portimão. Sòmente não as tratavam por condessas, mas marquesas, dado o caso que se refira a pessoas daquela grei. Pertencia-lhes, porém, o título de condessas da Tôrre.

A marquesa de Távora corresponderia aos pedidos do reverendo, que, na realidade, exercia grande influência no espírito da mãe e da filha. Sobretudo esta — a condessa de Atouguia — deixava-se dominar, ao sentir-lhe a virtude. Êle desejava que fôsse alegre, bem disposta, não a desejava aborrecida e, nos seus pitorescos

Original existente no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, de uma das 17 cartas do padre Malagrida para a Marquesa de Távora.

dizeres, declarava: «não a quero beata de cabeça à banda, que a queria boa por dentro e alegre por fora, que servisse a Deus com muita alegria».

Isto consta das memórias que a infeliz fidalga deixou. O reverendo aconselhava-a a que fizesse a sua oração, «mas se o Conde a chamasse, quando estivesse a ela, que largasse e fôsse fazer companhia, para lhe não ser fastidiosa nem lhe servisse de incómodo a devoção, nem tampouco que perturbasse as horas do seu comer».

O jesuíta dirigia aquela alma sensível de crente sem querer molestar os seus.

As cartas inéditas do Padre Malagrida para a Marquesa de Távora

O espírito da filha da grande fidalga—Trechos elucidativos das memórias da Condessa de Atouguia — O director espiritual ante a alma dolorida — Bastidores de um processo terrível

PARA se poder chegar à razão que determinou a influência do padre Malagrida no espírito da marquesa de Távora e de sua filha condessa de Atouguia, é necessário ler a própria confissão desta senhora, que desposou seu primo D. Jerónimo de Ataíde, conde de Atouguia, que seria supliciado no cadafalso de Belém.

Sem essas recordações da desditosa D. Mariana Bernarda de Távora, dificilmente se apreenderia a acção que o reverendo exerceu junto daquela família.

Até que ponto entraram os Távoras no atentado? Não é fácil averiguar se algumas culpas tiveram. O inaciano tratava das coisas da política como um religioso dando a sua batalha ao espírito do estadista, que contrariava o domínio da fé nas almas e os desígnios da Companhia de Jesus, cuja obra, sobretudo nas missões do Brasil, fôra verdadeiramente notável.

Com a formação das Companhias comerciais, intentadas por Sebastião José de Carvalho, começou a guerra entre o poder dos jesuítas e do Estado.

É um precioso livrinho o das *Memórias* da condessa de Atouguia. Ilumina o assunto que estamos tratando, desapaixonadamente, diante dos documentos.

Escreveu a desventurada:

Chega o terramoto e deixando-me viva, o conde de Atouguia e os meus seis filhos, a meu sogro, a meus pais e irmãos e por misericórdia de Deus, porque preferia a vida destas pessoas que eu tanto amava aos bens de fortuna; tudo o mais, que havia em minha casa e de meus pais, arrazou o terramoto, e depois o fogo acabou de consumir as casas, móveis e prata; enfim, tudo se perdeu, ficámos só com o vestido que tínhamos no corpo. A minha mãe, nem êsse tinha porque ficou em camisa e por compaixão a cobriu um homem com o seu capote nas portas de Santa Catarina, onde para escapar à morte tinha assim caminhado a pé, porque estava na cama quando começou a terra a tremer.

Quando pus a vista em meus pais e em minha gente viva, pareceu-me que em tudo o mais não tinha perdido nada e já as ideias de grandeza me não faziam guerra; qualquer coisa me parecia bastar para passar a vida; não tinha saüdades da prata nem do mais que tinha tido.

Fomos todos a pé para o Campo Pequeno, para uma quinta de meus pais, em que tinha umas casas magníficas; achámo-las também muito arruïnadas, de sorte que ficámos na quinta, acampados em muito poucas barracas, e com os incómodos que foram gerais para todos por muito tempo.

Com todos estes desenganos, com os tristes espectáculos que se ofereciam aos olhos e com a morte sempre diante deles, porque os tremores eram contínuos, e com as antecedências que eu antes do tremor tinha tido, de desejar não ofender a Deus, crescia em mim o desejo de ser boa, porém todos estes bons pensamentos estavam sem ordem, e eu, só, não os sabia arranjar, para os poder pôr em execução. Assim, desejava algum confessor de uma extraordinária virtude, que me ensinasse a ser santa, e que me adiantasse no serviço de Deus, mas nem por sombras me vinha à cabeça qual êle seria. Dizia: «tomara ter um confessor santíssimo que me adiantasse no serviço de Deus, mas não sei quem há-de ser».

Continuando os tremores de terra e por conseqüência os grandes incómodos, todos que podiam começaram a edificar barracas de tabiques e como a amizade de meu sogro com a de meus pais era muita, assentaram que ambas estas duas famílias edificassem as barracas no quintal dos meus tios, os condes da Ribeira Grande, que moravam na Junqueira. Minha tia, a condessa da Ribeira, D. Margarida, vivia muita cristãmente, regia a sua casa, que parecia um convento, comungava muito a miúde, e fazia regularmente a sua oração mental: estes bons exemplos faziam com que a sua família, que era muito numerosa, a imitasse. Eu via isto e me parecia muito bem, mas ainda a não imitava. Veio a minha tia poucos dias depois de eu ali estar, e disse-me, que estava ali o padre Malagrida, que a vinha visitar e que ajustara com êle vir ser seu hóspede, porque queria ali dar os exercícios de Santo Inácio, à gente que ali se achava e a sua família, se lhe queria eu falar. Respondi-lhe que sim, e que já duas vezes lhe tinha falado. Fui portanto falar-lhe, sem atenção alguma mais do que cumprimentá-lo, venerando nele aquela grande virtude, que geralmente ouvira dizer que êle possuía, mas sem ter dele maior conhecimetno do que pela fé dos outros; só tinha falado com o padre de cumprimento e sem particularidade alguma.

Ali em casa de meus tios começou o padre a dar os exercícios de Santo Inácio, a que assisti junto com as nossas três famílias, que eram muito numerosas e me parece que seriam algumas trezentas pessoas que naquele sítio os tomaram. A santa vida que o padre ali fazia, contribuía para fazer a doutrina ainda mais proveitosa, porque com o exemplo que dava também convertia.

Dêste modo me ia N. Senhor chamando cada vez mais para o seu serviço, agradando-me muito a doutrina do padre e o seu modo de vida.

Um dia fui-me confessar a êle, e por uma acção natural, que não sei o que me moveu a ela, sem estudo algum, me achei de joelhos diante dele, tomando-lhe a bênção, como vulgarmente se faz aos padres de S. Francisco. Fiquei envergonhada de ter feito aquilo, que se não costuma fazer aos padres da Companhia, e se o fiz foi porque Deus assim o permitiu sem eu mesma saber o que fazia. Achei aos seus pés tôda a conso-

lação, porque ainda que não era confissão geral, contudo achava uma facilidade mui grande de me explicar com êle e de lhe dizer resumidamente quanto tinha padecido de escrúpulos desde a idade de quinze anos até à que então me achava e que tinha andado dezoito anos a confessar-me imensas vezes do que fizera desde a idade de doze anos até aos quinze, sempre repetindo a mesma confissão, umas vezes parecendo-me ter dito pouco, outras vezes que os mesmos escrúpulos me fizeram dizer mais do que era, parecendo ser pecado o que não era; e na verdade que sendo o meu génio resoluto para tudo, nas matérias de consciência era sumamente presa e atada.

Êle tendo ouvido tudo quanto lhe relatei, me disse que não tornasse mais a fazer confissão geral daquele tempo, e pelo decurso do tempo, quando teve todo o conhecimento da minha consciência, apertou mais êste ponto; porque me disse que nem na hora da morte o fizesse, e que se alguém me aconselhasse que o fizesse que não tomasse o conselho, e que tomando êle sôbre si êsse ponto, descansasse eu, que êle seria responsável a Deus e que para sarar dos escrúpulos seria muito conveniente que comungasse a miúdo e que o fizesse cada oito dias.

Fiz o que me mandou, e me fiquei confessando com êle sempre que as suas ocupações lhe permitiam, e eu podia ir onde êle estava. Da mesma sorte ia ouvir os seus sermões e doutrina, ao que devo sumo benefício, porque ainda que a primeira vez que fui aos seus pés confessar-me, a graça de Deus para me declarar era abundante, eu me apresentei como em uma trouxa tôsca, sem saber enfeitar-me com as preciosas jóias que Deus metera nela e se pus êste adôrno em ordem devo-o a êle; conheci que êste era o confessor que eu desejava, e que Deus me destinava para me ensinar a ser santa, como na verdade tinha boa vontade de o ser; e êle de me ajudar; por conseqüência não havia Deus de faltar em ajudar esta obra com a sua graça.

Comecei a fazer oração mental, só, num quarto de hora; passado pouco tempo me mandou fazer de meia hora; pôs todo o seu cuidado em mortificar-me as paixões e me ordenou que cada dia contasse as vezes que o fazia e à noite que desse graças a Deus do que tinha feito por seu amor.

Eu me achava à noite com quinze ou vinte actos dêstes e êste exercício continuado me fêz grande benefício. Também fazia algumas pequenas mortificações dos sentidos, mas não coisa que me doesse, porque o padre não queria muita coisa junta nem espantar-me no caminho da virtude; queria pouco mas bem feito, e animar-me sempre para ir para diante, porque o meu génio activo e apressado queria voar depressa na perfeição.

Mas, se alguma vez sucedia caír em alguma culpa leve, me desconsolava muito e lhe dizia: Padre, eu tenho negação para ser santa porque, não obstante o desejo que tenho, não correspondo, porque caí em tal e tal defeito, e não presto para nada. Êle me animava muito e me dizia que isto se não fazia de repente e que êle se contentava em que eu cada ano me emendasse de um defeito e que não desistisse da emprêsa pouco hábil.

Como me dava um prazo tamanho para a emenda, me animava e me tornava a consolar para ir para diante. Mandava-me fazer o exame de consciência todos os dias, mas depois êle mesmo mo tirou, como eu era sumamente escrupulosa, que para uma das confissões, de oito dias, eu lhe disse que o exame me tirava o sono daquele noite e no outro dia de manhã não me ia confessar com um exame de menos de duas horas, êle que viu o pouco fundamento de tão largo exame, me proìbiu com receio que eu endoidecesse, e daí por diante não queria mais exame para as confissões de oito dias senão de um quarto de hora antes de me confessar e que se me esquecia mais alguma coisa que não me importasse.

Êle se compadecia muito da cruz que eu padecia com os meus escrúpulos e me dizia: Coitada, V. Ex.ª tem uma consciência espinhante que a mata. Procurava êle curar-me dêste mal com o maior cuidado e paciência, e achei grande socorro nas regras que para isso me dava; mas sempre lhe dei trabalhos, porque nunca deixei de padecer de escrúpulos e quando me tirava um, logo me apareciam outros; aos seus pés sossegava dêstes, mas daí a nada apareciam outros.

Comecei a ter grandes desejos de fazer penitências que não fôssem senhoris, como eram as que até ali fazia, como eu em uma grande mesa deixar de comer de um prato melhor, ou deixar de cheirar uma flor pelo amor de Deus, etc. Estas bagatelas me pareciam já nada; apetecia coisas que me doessem bem, e pedindo ao padre que me deixasse pôr cilício, êle o não quis.

Tratou com desprêzo êstes meus fervores e mos não consentiu, dizendo-me que êle não fazia caso disso nem o queria, porque a penitência verdadeira era a mortificação das paixões, que enquanto eu não tivesse esta, que não era capaz de pôr um cilício, nem êle o queria.

Esta mesma proìbição me acrescentava os desejos de penitência; e eu fazia argumentos a mim mesma, dizendo: Ora é possível que, sendo o meu génio vivo, apressado e resoluto para tudo quanto há, que me não hei-de servir dele para a virtude!

Este argumento me estimulava para seguir com fôrça a viagem que intentava a caminho do céu.

D. Leonor, Marquesa de Távora

Eis o espírito da condessa de Atouguia, filha da marquesa de Távora, e as suas relações com o padre Malagrida.

Começa-se dêste modo a compreender a essência da correspondência do jesuíta, até aqui inédita.

As cartas inéditas do Padre Malagrida para a Marquesa de Távora

As missões do religioso — A obra dos «Jesuitas» — Pecado mortal do Marquês de Távora? — O patriarca censurado

O REVERENDO Gabriel Malagrida, desterrado em Setúbal, correspondia-se com a marquesa de Távora, D. Leonor, cuja filha, condessa de Atouguia, cheia de intensa religiosidade, conseguira arrastá-la a eleger por director espiritual o jesuíta que provocara os ódios de Sebastião José de Carvalho e Melo.

Em 6 de Março de 1757 escrevia o inaciano à ex--vice-rainha da Índia:

Ill.ma e Ex.ma S.a Marq.a

Bejo as maos â V. Ex.a ao Sr. Marquez, S.res Conde e Cond.a da Attoguia, p.a esmola p.os exercicios, nos quaes torno entrar hoje, e terei cuidado rogar e fazer rogar p.r todos, e m.to maes p.r V. Ex.a o farei specialm.e, como a quem tanto a estimo e venero: Vivi mil annos tãobem p.a industria de traffegar tãobem os papeis do terremoto, sempre hé amar e servir a Deos, sempre he concorrer pera obras, nas quaes V. Ex.a não pode dexar de ver q.to são de agrado ao mesmo Senhor, e â sua May S.ma como hé alem de tantas outras este Recolhim.o N'este certam.e como nos maes, eu considero não hum mas m.tos prodigios; o primeiro, como pudi eu sem meios fazelo com 30 cellas corredores, casa de lavor, Refeitorio, cosinha locutorio, portaria, e o maes necessario, sendo esta terra ainda antes do terremoto, tão arrastada que çinco prometterão alguma cousa e nada derão: Secundo; como ficando com o terremoto tão ruinada, o pudi restaurar, como de facto esta resturado: 3.o como cessou finalm.e a tempestade, e ao rebate com que o demonio desempenhou o ameaço que ja publicam.e me tinha feito e me fez toda a possivel guerra com a demanda d'estes Irmãos tão injusta; e ja tudo cessou; 4.o como pudi alcançar de sua majest.e metter na cerca ou fazer cerca com hum baluarte e muralha m.to grande, cousa reputada sempre impossivel p.o animo contrario do S.or Marquez de Marialva; e spero agora o 5.o favor e milagre, e hé que possa sahir com os 300 palmos de muro que nos faltão, e nisto N.a S.ra ou a minha temeridade me dá tal animo que não posso nem duvidar; como se ja estivesse tudo feito: Espero tãobem o 6.o que hé ver n'ste canto, e de tão fracos principios, e tão grandes opposiçoens, surgir hum insigne Coll.o ou Seminario de Jesuitessas, aonde se crie tanta multidão de raparigas ainda nobres e não so se lhes ensine ler e escrever, mas latim francez Italiano e arte musica e instrum.tos Tomara eu que viesse a ver isto e darme o seo pareçer. Confessole com toda confiança, que quando eu considero tudo isto, e specielm.e a minha tão grande ineptidão, e dificultade munta a pedir; e reparo tão gr.e piedade e amor em Maria S.ma, que nem huma May; e vejo que tenho Amos tão tenros, amorosos, e bons, ainda que seja tão cevo como hum pão, me caie o coração desfeito em lagrimas; e tomara abrazarme e despedaçarme por elles e tomara ver a V.V. Ex.as todas arrebatadas do mesmo fuogo.

Tomara q' estivesse em minha mão o alivio do S.or Co: ja rezei por elle tres missas; o certo hé que o considero no maior perigo. Estes S.res que são tão ricos, e poden avião d'entrar n'estas fundaçoens tão importantes, Conv.os Recolhim.os casas d'exercicios se não como Fundadores ao menos como Confundadores ou Bemfeitores insignes; porem pareçe a esta nossa sensibilid.e que tudo o que damos â Deos e ao alivio e seguro das nossas almas o perdemos.

Settual 6 Março 757

De V. Ex.a

O maes Humilde Servo

Gabriel Malagrida

Mandem esta carta por hum seo escudeiro ao S.or Patriarca ou Secret.o q' he da Regente do Recolhim.o e saiba quando ha de procurar a resposta: duas praças não dão o coartinho outras veçes darão tres, eu admitto todos se falsia alguma praça ou fica p.a outros gastos, o vay p.o o muro do Recolhim.o tudo he o mesmo. O coração me diz que daqui a 4 mezes ca não estarei a ... estes nem a dalos a varios na via lunga. Se pudesse bem chegaria velas, mas não posso.

O final desta carta parece já misterioso. O inaciano duvidava da sua assistência à obra destinada às «jesuítas», como queria expressar-se ao escrever «Jesuitessas».

O que lhe diria o coração?

Na carta de 12 de Abril dizia:

Ex.ma e estimad.ma S.a Marqueza

Ja tenho escrito a V. Ex.a; e acompanho com esta minha a este Sarg.to e por ver o gr.e empenho em que o bom Capitão e Cr.o de V. Ex.a ag.a feito Sarg.to M.or deseia o seu adiantam.o muy justo sentindo a conhecida injustiça, q' se lhe tem feito nas passadas promoçoens. Esta mesma injustiça testefica o seo Ten.te coronel, feito Coronel em Penamacor. Como este seo Cr.o fez os exercicios spirituaes com m.ta satisfação minha, e proveito seo, não posso dexar de fazeel gosto; munto maes q' o que peço a V. Ex.a hé q' procure m.to q' o S.or Marquez não caia em pecado mortal fazendo huma injustiça manifesta ao seo Sarg.o O dia de Pascoa avia d'entrar com outra Bollada d'exercicios por me ter mandado hum proprio o Conde de S. Lourenço q' enfalivelm.te se acharia em tal dia p.a entrar nos exercicios com o S.or D. Rodrigo Ex.ro de Algarve. Tudo se frustrou com fereza tão malina, e q' esteve em perigo manifesto de morte; graças a Deos e â Nossa S.ra das

Missoens q' o livrarão d'isto e peço aos mesmos Soberanos com tanto calor p.ª que abrazem â V. Ex.ª, e a S.ª Cond.ª sua filha do seo divino amor q' hé todo e o unico bem d'esta, e d'outra vida.

Settval 12 Abril 757

Careço dos exercicios do F. Salazar por ter perdido o outro que tinha, remetto tãobem a V. Ex.ª a carta do novo coronel p.ª veja claro o agravo feito a este pobre Sarg.to Não hé bem q' o S.or Marquez a quem beijo as mãos concorra n'isto, nẽ tãobem lhe mostre a carta do coronel.

O maes Hum.e e Obr.o Servo

Gabriel Malagrida

O sargento que Malagrida queria proteger era, por sua vez, apoiado por um tenente-coronel afecto à Companhia de Jesus, pois tanto o subordinado como o superior tinham feito os «exercícios espirituais».

O marquês de Távora era general de cavalaria e era-lhe fácil remediar a injustiça feita ao sargento e libertando assim a sua alma.

Parece que D. Francisco de Assis, a-pesar da sua enorme devoção, não se mostrava muito favorável a Malagrida.

O conde de S. Lourenço, D. João Ausberto de Noronha, era homem douto e, quando do atentado contra o rei, foi metido no forte da Junqueira. Talvez o reputassem conspirador só por assistir aos exercícios com o padre detestado pelo primeiro ministro.

Noutra carta trata do afastamento do marquês da obra das missões.

Datada de 22 de Abril, diz o seguinte:

Ill.ma e Ex.ma S.ª Marq.ª

Caza de m.is Settval 22 Abril 757

Agradeço m.to e m.to a V. Ex.ª e ao S.or Marq. o desvelo, e commodo d'esse sold.o Todo o meu fruito e conven.ª sará s'elle entrar nos exer.os e com elles se resolver a limpar sua consciencia e viver p.ª aquel Fim p.o qual foi criado, cousa tão longe d'esta Profissão: Receosa das respostas do S.or Patriarca não se canse maes. Tomara eu puder sîquer manifestar a estes S.res que tem estes cargos ou eccl.cos ou seculares o gravissimo danno que causão, e o maes grave cargo que levão na consciencia com estas suas omissoens. Talvez a de menor parte era d'esta pobre Regente d'este Recolhim.o que recorria em grave duvida ao seo Prelado e que razão pode ter hum Prelado de não responder? Por isto lhe protesto e juro que não vejo cousa maes importante e necess.ª p.ª a salvação das Almas que cazas, e maes cazas em cada canto d'exer.os e que todos Principes e Vassalos Nobres e Mecanicos seculares e ecclesiast.os uma vez cada anno se cheguem a ellas.

Esta mesma demora tão grande em aprovar como deve, e está obrigado hum instituto tão aprovado na Igreja como o instituto da comp.ª, que hé o que professão as ursulinas, e peden com força depoes de tantas trapaças e armaçoens do Inimigo estas recolhidas, que la metterão a torto e direito os meos contrarios (e m'hé preciso sofrer e abaxar a cabeça) que detrimento não causa á mesma obra? porque passa o tempo opportuno por este ... e eu tractava não só de restaurar os cubicolos, demolir e levantar paredes como a necessidade pede mas tãobem entrar com a cerca; e os mesmos superiores meos vendo tanta demora, me prohiben (e tem razão) gastar maes hum vintein: em... porque receião que os mexidoures, que se acomodarão p.ª necess.e de reparar as ruinas, depoes de reparadas estas, não se levanten outra vez com o S.to q' hé Nossa Senh.ª e com a sua esmola, e não tornen a dizer, q' hão de ser Franciscanas; porque bem sabe V. Ex.ª q' hé facil com engannos e embustes virar á cabeça a humas pobres molheres q' ha tem tão fraca. O meo gosto saria continuar; e sejão de que instituto for ou de S. Fr.co ou de S. Tereza, ou de M.e de Deos, ou Trillas com tanto q' attendão á sua perfeição. E heis aqui m.ª amad.ª S.ª Marq.ª o vento com q' navegamos. O demonio nos da travalhos e couçes da desesperado; mas toda a minha esperança e confiança hé na minha Ama que pode maes. Estimo tanto e não lhe sei dar as graças por ter livrado de tão grande perigo o Co. de S. Lourenço, por me parecer tão recto, e tão pio; assim tomara eu que fossen todos, e todas as Fidalgas como V. Ex.ª, a Cond.ª sua filha, a Cond.ª de Ryb.ª, e sua filha a Cond.ª d'Angeja e tantas outras, oxalá fossen outros tantos os Fidalgos bons e que desejão verdaram.e! A todos e todas as conhecidas os meos obzequios. Não deve ter scrupulo nenhum no jejum da coresma. Estou m.to prudentem.e seguindo o parecer d'hum só Teologo q.to maes de dous, ainda que elles tivessen errado quanto maes q' não erarão. Estou com a P.ra bolsada d'exer.os e dou m.tas graças a Maria S.ma, e munto maes de ver q' estas senhoras da terra, e não S.tas desejão tãobem ellas os exercicios e que saria se não vissen tão gr.e exemplo em V.V. Ex.as?

De V. Ex.ª

O maes Hum.e e Obrig.o servo

Gabriel Malag.ª

Rainha D. Mariana Vitória da qual era confessor o padre jesuíta, Timóteo de Oliveira

Por esta missiva se vê que o patriarca não estava muito de acôrdo com a acção do operoso jesuíta, que os franciscanos pareciam contrariar.

Falecera, dois anos antes, o venerável primeiro patriarca de Lisboa, D. Tomaz de Almeida, e sucedera-lhe D. João Manuel da Câmara, que, escolhido por D. José para o cargo, não devia ser muito amigo dos jesuítas, receando o poder do ministro, já em luta contra êles.

Cartas inéditas do padre Malagrida para a Marquesa de Távora

A FASCINAÇÃO DA CONDESSA DE ATOUGUIA — SEUS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS—IMPORTANTE ACÇÃO DO REVERENDO—UM DESTÊRRO BENIGNO—COMO DESEJAVA SABER O QUE D. JOSÉ I PENSAVA A SEU RESPEITO

O REVERENDO padre Malagrida abrasava-se, cada vez mais, no ardor da sua fé e comunicava-a à marquesa de Távora e a sua filha, condessa de Atouguia, nas cartas que lhe endereçou.

No seu destêrro de Setúbal, não deixava de exprimir o seu estado de alma e o da sua obra.

Vê-se que o falado degrêdo do jesuíta não era rigoroso, pois lhe permitiam a ida a Santarém, com o fim de lançar a semente dos seus institutos naquela terra. Diz assim a carta:

M.ª Amad.ª e Estimad.ª S.ª Marq.ª

Já tenho escrito a V. Ex.ª: Ant'hontem acabei os exer.os q' dei a huma bollada de 30 mulheres com toda a regularid.e clausuradas no Recolhim.o de N.ª S.ra das Mossocas, juntho a formosiss.ª Capella de N.ª S.ra da Saude n'esta Villa. Protesto a V. Ex.ª que vejo tão grande o fruito e necessid.e de taes exerc.os q' cada vez maes me abrazo de desejo de ver em cada canto semelhantes cazas. E como vejo o bom animo e desejo de V. Ex.ª de me querer ajudar e concorrer como se fora minha comp.ª n'estes divinos ministerios e eu não posso faltar de ir a Santarem aonde desejo e espero introduzir estes mesmos exerc.os, V. Ex.ª fara m.or serviço a Deos se procurerá (sic) *saber aquellos Fidalgos que tem cazas em Santarem e pedira a faculd.e p.ª valerme da sua caza p.ª dar n'ella duas ou tres veçes os d.os exercicios. Com resposta de V. Ex.ª resolverei se sara melhor ir antes a esta Villa ou depoes de ter dada satisfação a V. Ex.ª e suas Filhas ja que tão louvavel.e persistão n'este proposito. O mesmo S.or abraze a V.V. Ex.as todas no seo amor.*

O maes Hum.e servo
De V. Ex.ª
Gabriel Malagrida

Settual 8 Maio 757

O recolhimento de Nossa Senhora das Mossocas, era junto à capela de Nossa Senhora da Saúde. Talvez tivesse sido edificada em terreno dos duques de Aveiro, grandes proprietários na vila e fundadores de diversas ermidas.

Escrevera à fidalga em 8 de Maio de 1757; em 1 de Junho, sentia necessidade de vê-la, o que só lograria mais tarde.

A filha da marquesa, condessa de Atouguia, não resistira e fôra, ao que continuava a chamar-se, o degrêdo do reverendo. Demorou-se, entregue a exercícios espirituais — ela o confessaria nas suas *Memórias*, que temos à vista — completamente fascinada.

Ao regressar, encontrara o pai, a mãe e o resto da família muito tristes, porque Leonor, sua filha, estava às portas da morte. Dera-lhe a maligna no próprio dia em que a devota começara os seus exercícios espirituais.

A condessa dera uma queda; magoara-se e mandara pedir ao padre que orasse pelo restabelecimento da criança. Êle respondeu-lhe:

— «Se V. Ex.ª tivera já lido o tratado de conformidade com a vontade de Deus, escusava, agora, de me escrever semelhante carta, mas já que tem animo de embargar a felicidade de sua filha innocente, que remedio tenho eu senão cahir no mesmo erro, por cuja razão farei por ella algumas orações.»

Aconselhava à penitência, «se fizesse bem mestra na virtude da conformidade com a vontade de Deus e quando fosse para Lisboa procurasse o tratado dessa virtude, que vem nas obras do padre Eusebio Nieremberg».

Exortava-a «a huma tal entrega ao Senhor para tudo quanto elle quizesse e fosse servido, sem ter a minha em nada, concluido que se eu muitas vezes me teria entregue em jornadas a hum barqueiro bebado ou a hum cocheiro desatinado, quanto mais seguro não era entregar-me Aquelle Deus para que Elle me regesse e me governasse como Elle quizesse e me conviesse sem ter vontade propria em nada».

Confessou a condessa:

«Eu logo ficava convencida das suas razões, mas como era muito pegada com a minha família, ainda que a parte superior se sujeitava ao que Deus quizesse, era fazendo-lhe grande força porque o inferior gemia e era preciso que a razão a arrastasse a fazer a sua obrigação.»

O inaciano exercia completo domínio naquele espírito crente. Sentia-se pecadora; queria desagravar-se com enormes penitências. Declarou no seu manuscrito:

«Pedi a Nosso Senhor que me desse muito que padecer, porque tudo queria padecer por seu amor.»

O padre escrevia à marquesa de Távora:

Ill.ma e Ex.ma S.ª

Confesso ingenuam.e â V. Ex.ª que egual estimação e veneração que professo â V. Ex.ª hé a saudade e desejo que me asite (sic) *de vela, e 5 mezes me parecen cinco annos; porem se não pode ser, paciencia: estimarei m.to que nos vejamos diante da Majest.e divina con aquella gloria que se cá Principia nunca ha de ter fim. Pague o mesmo S.or a V. Ex.ª o zelo em procurar caza capaz p.ª os exercicios em Santarem e me digo e confesso de todo o coração Beijo as maos ao S.or Marquez e a toda a sua familia e da S.ª Cond.ª de Anjeja. Sinto a recaida do S.or Conde, e não duido* (sic) *q' n'este, têmos* (sic) *desejará fazer os exerc.os finaes. O mesmo S.or g.de e console a V. Ex.ª e abraze a todas todas no seu divino amor.*

Coll.º de Settual 1 Junho 757

O maes ind.º servo de V. Ex.ª
Gabriel Malagr.ª

A certa altura, em Setembro de 1757, as cartas de Malagrida parecem escritas por um possesso.

Ex.ma S.ª Marq.ª

M.to me consola o ver q' busca o verd.º caminho e maes suave p.ª ser S.ta q' he o P.e Alonso Roiz; e p.ª

isto com maes ancías desejo q' complete a sua promessa e vermos porque não sei entender que grande crime d'estado seja (ainda que eu seja tão máo, vir a ter os S.os exerc.os e V.V. EEx.as mesmas q' saben m.to bem que cousa são, avião d'estar todas por elles, e defender e patrocinar a causa do Senhor ou da salvação de tantas almas). Se V.V. EEx.as vissen o que eu vejo, não duido que metterião a vida por isto quando tivessen huma só faisca de amor de Deos. Não estranho ao dem.o fazerme tão desesperada guerra porque ainda hão d'estar vivos e vivas as que publicam.e na Igreja de S. Julião ovirão os ameaços que me fez era estranho q' tenha tantos ajudantes e eu nenhum sinto maes q' ... da das almas... ser em tantos, e tantas estes desejo pareceme emportante ao serviçço de meo Amo e S.or ... specialmente âs Senhoras o embaraço do can... e chegarme por 11 dias maes perto â corte como saria em Almada etc. e por cá com morada opportuna dar os exerc.os pedi isto ao nosso P. Proval, e não mo conçedeo; e não sei ainda, ñe quem nem porque sou preso. Abraçome comtudo com o meo Deos e Senhor, e lhe confesso que se me visse bem carregado de ferros, e injuriado e morto por seo amor, saria a maior mercê que pudessi pedir e esperar de seo amor.

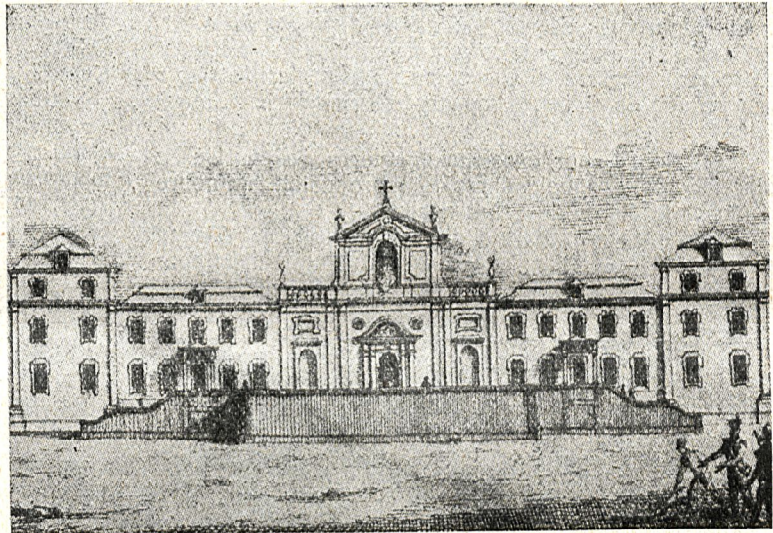
Não tenho tempo p.a maes me alegro m.to e m.to ter tantas e tão boas Irmaas Ex.mas em todo o genero; eu lhe queria escrever huma carta, mas como vou a pregar a tarde não tenho tempo. Supra V. Ex.a Domingo entramos com outra bollada dos exerc.os; e porq' V. Ex.a não me confia ao menos qual seja aquel de tanta autoridade que lhe embargou o caminho â esta p.a p.os seos exerc.os: não hé ... curiosidade, mas hé unicam.e p.a sabem quem me prende? Tenho emportancia summa de procurar o avesso â S. Majest.e por cousas emportant.mas; portanto me emportava saber se o mesmo Senhor hé que me bouta p.a longe de sy, e então não ha remedio que abaxar a cabeça e as costas. Emfim p.a quando nos veremos reservaremos o maes.

Settual 8 7bro 757

O S.r Conego D. Joze M.a de Tavora vem p.a esta bollada e varios outros S.res e hu monsignor m.r prometteu mitto (sic) q' vinhão. Aprovera Deos q' todos e da corte e de fuora fizessen este contratto com Deos e S.r se fordes servido concederme hum anno maes de vida, cinco ou 6 dias ao menos eu vos prometto d'exerc.os de quantos males e ruinas nos livrariamos. Os meos obzequios ao S.r Marquez caza d'Alorna e d'Attoguia. Mandei hum proprio â S.a Cond.a e ainda não sei se ja está fuora de perigo.

Agradeço a V. Ex.a a esmola: a tempest.e dentro o Recol.to se vai serenando (sic). *Como hé costume da minha Soberana quando me se embarga huma obra fazerme sahir com duas espero p.r este excesso d'amor.*

O maes Hum.e servo

Gabriel Malag.a

A casa do noviciado da Cotovia na qual se recolheram alguns jesuitas depois da expulsão do paço

Queria saber se o rei «hé que me bouta para longe de sy». Se era D. José I que o afastava da côrte.

Então — diz a condessa de Atouguia — que êle fazia milagres. Pelo menos, possuía a férrea vontade que se marca nestas linhas:

M.a Ex.ma S.a Marq.a

Como este vuoto hé Santo, não se há de resgatar a força de direitos, e braços mas abraços. Eu verei comtudo o feito, que me manda mas não sou perito m.to n'estas cousas. O P. Diogo meo comp.o parecene naes apto p.a isso: Posso assegurar que não sahirá daqui D. Joze M.a sem resolução firme de antes morrer que peccar mortal.e

Deos N.so S.or abraze o coração da m.a S.a Marq.a e fara q' entenda bem e s'aproveite de tão gr.e P.e spiritual e P.e Alonso Roiz. Mas veja bem o trattado que faz da caritade e consulte com elle como se ha de valer n'esta tão renhida demanda do C

Settual 12 setemb.o 757

O maes Hum.e e ind.o servo

Gabriel Malag.a

Cartas inéditas do padre Malagrida para a Marquesa de Távora

OS EXERCÍCIOS ESPIRITUAIS NA ARRÁBIDA — A SUPERSTIÇÃO DA CONDESSA DE ATOUGUIA — RECEIOS DE UM ESPÍRITO ALUCINADO — POMBAL E A «RELAÇÃO ABREVIADA» — O QUE D. JOSÉ I PENSAVA DE MALAGRIDA — A ÚLTIMA EPÍSTOLA

SEIS ou sete meses antes do atentado contra D. José I, que foi na noite de 13 de Setembro de 1758, andava o padre Malagrida preparando os exercícios espirituais em Setúbal.

A condessa de Atouguia, filha da marquesa de Távora, completamente fascinada por aquelas práticas, pretendia cumprir todos os artigos da fé.

O reverendo era um ser estranho, cuja permanência nos sertões do Brasil, evangelização e leituras, o tinham transformado num singular apóstolo. Exercia influência sôbre espíritos supersticiosos; comunicava-lhes, transmitia-lhes os seus pensamentos.

Em todo o caso, depreende-se do livro de *Memórias* da condessa de Atouguia, que decerto não foi adulterado, Malagrida ia doseando as penitências que a condessa solicitava permissão para fazer.

Ela queria pôr «cilícios todos os dias continuadamente». Só lho consentia por três horas, diàriamente. Proìbia-lhe o uso com a intensidade que a fidalga requeria; ignorava os abusos praticados, pois não se coìbia de trazer aquele instrumento de penitência.

Era tal a supersticiosa ânsia de salvação da sua alma que pedia a Deus «que desse muito que padecer por seu amor. Tendo feito isto, fiquei muito satisfeita e não disse ao padre nada do tal meu imprudente oferecimento nem a pessoa alguma desta vida; só eu o sabia e Deus».

Nesta confissão aflora uma alma combalida.

Os espíritos profanos não podem entender os arroubos e as aspirações dêsses singularíssimos temperamentos. Talvez adivinhasse a catástrofe iminente sôbre os seus ou quem sabe se não teria surpreendido qualquer vestígio, conversa ou rastro de que alguma coisa se tramava e da qual poderia provir grande mal.

Os Távoras deviam estar inocentes na conjura que buscava atingir o rei. Pedro Teixeira, alcaiote real, devia merecer-lhes mais atenções, bem como ao duque de Aveiro. O soberano apareceria, como sempre, sagrado aos olhos dos fidalgos. O seu íntimo não gozava tais foros e insultava-os, seguro da impunidade garantida pelo amo.

A condessa de Atouguia conta que «era muito manifesto o odio do Ministro de Estado de El-Rei D. José contra a Companhia de Jesus» quando ela e sua mãe «desejavam fazer os exercicios de Santo Inacio com o padre Malagrida». Prossegue dêste modo: «Assentou, minha mãe, que fôssemos ambas a Arrabida, passar a Semana Santa, que era muito perto de Setubal e que indo o padre lá dar os Exercicios aos monges daquelle sitio ali os tomariamos com elles».

Anteriormente, o reverendo escrevia na sua algaraviada, que desejamos arquivar como curiosidade, visto as suas cartas para a marquesa de Távora andarem muito faladas.

Em 13 de Fevereiro de 1758, escrevia o inaciano:

M.^{a} Ex.^{ma} e Estimad.^{ma} S.^{a} Marq.^{a}

Ainda que ja me pareçe de tele dado as devidas graças nas cartas da S.^{a} Cond.^{a} sua Filha, que sempre as considero p.^{r} tãobem suas, não posso apezar dos ... erros em que me vejo fazer esta nova memoria, apezar, digo, porque hoje entramos nos S.^{os} Exerc.^{os}; e espero n'elles com o braço de M.^{a} S.^{ma} restituir â Lucifer a taponada, que me deo com a prevaricação do infeliz Inglez, depoes de seis mezes de tanta constancia e virtude, ainda que esta ferida não tem remedio; porem recebemos e damos o que pudemos. Tãobem os ... da m.^{a} pobre comp.^{a} são bem sensitivos, e m.^{to} maes hum prec.^{o} do ...d.^{a} tão de furo p.^{a} não puder hum f.^{o} q' sobe m.^{to} bem por 70 annos d'esper.^{a} estas ladroiças q' fazemos ao inferno na redução e conversão de tantos gentios, defendeu até morrer a sua Mãy ferida a morte p.^{a} qual daria todo o sangue das veias: mas ja q' não pudemos defendernos sendo isto tão natural ainda aos maes facinorosos: bastariame poder mandar a imprimir de novo o sermão do P.^{e} Vieira que vay no fim do 4.^{o} tomo e o fez na epifania quando voltou preso do Maranhão. V.V. E.E. o vejão bem e me digão se responde adequadam.^{e} as bulhas e crimes tão atroces, dos quaes nos fazen veos agora e a mi maes que a todos os socios porque maes de todos lá travalhei.

Emfim S.^{a} Marq.^{a} o que hemos de tirar daqui hé trabalhar ainda maes, e maes por tão bom Senhor; seguilo fielm.^{e} ao calv.^{o} com a nossa cruz antes com m.^{tas} que huma e m.^{to} pouco por tão bom Senhor; e entendermos que ao ceo não se vay em berlindres doiradas, e não se apanhão fruitas com as bragas enxutas.

Todos os dias d'estes exerc.^{os} pedirei e privadam.^{e} e publicam.^{e} p.^{a} tão ricas Bemfeitoras e tão do meo agrado, e p.^{as} suas cazas: sempre espero q' V. V. E. acompanhem a sua Filha aos exerc.^{os} na Arrabida na Sem.^{a} S.^{a} poes não he certam.^{e} menos animozo. E saiba q' tenho bem gr.^{e} saudade e tenho q' falar m.^{to} com V. Ex.^{a} a quem Deos e M.^{a} S.^{ma} g.^{e} felicite e pague animo tão liberal e devoto. Settual 13 Fever.^{o} 758.

M'esquecia. O P.^{e} M.^{e} da Filozofia do Coll.^{o} Ign.^{o} de Carv.^{o} me representa esta graça ou milagre q' fez N.^{a} S.^{a} p.^{a} saude d'hum seo Irmão o qual se dava por desesperado de remedio: pede agora este outro remedio do S.^{or} Marquez se o que pede hé justo eu tambem o peço p.^{a} V. Ex.^{a} e não outra sorte.

A S.^{a} Cond.^{a} que tanto deseja saber as graças prodigios de N.^{a} S.^{a} participará em carta do P.^{e}

O maes Hum.^{e} e Obr.^{o} Sr.^{o}
Gabriel Malag.

Não se pode compreender a que o reverendo pretende referir-se quando trata da «taponada que Lucifer lhe deo». Algum pecado de converso arrependido da conversão regressando ao pecado!

O sermão do padre António Vieira, documento notável, em que apresenta sua inocência e maldade dos homens, quando preso, assim invocado por Malagrida, parece trazido à colação pelo receio de procedimento semelhante contra êle.

Mas porquê? Se não conspirava, que temia?

O ódio implacável do ministro?

Fôra publicado o opúsculo *Relação abreviada da*

republica que os Jesuitas da Provincia de Portugal fundaram nas possessões do ultramar.

Era um libelo. Em Espanha condenaram a ser queimada a obra que o político inspirara e na qual acusava, nem sempre com justiça, os jesuítas.

Preparara outros livros contra a Companhia; trabalhava activamente para a condenar em Roma. Desde que a Santa Sé acusasse, não haveria mais dúvidas àcêrca dos crimes que lhe imputassem.

Estava-se em Fevereiro. Em Março, os cardiais Archinto e Passonei obteriam o Breve, estando Bento XIV muito doente.

O inaciano não desanimava. Sentia que para o céu «não se vay em berlindres doiradas, e não se apanhão fruitas com as bragas enxutas».

Era preciso sofrer.

Solicitava, por fim, que a marquesa acompanhasse a filha aos exercícios da Arrábida.

Em Março, já, sabedor da ida da condessa àquele retiro, ainda preguntava se a marquesa a deixaria partir sòzinha.

M.ª Ex.ma e Estimad.ma S.ª Marq.ª

He possivel que hei de ter a consolação de ver a Filha n'este Ritiro d'Arrab.ª em tempo tão S.º, e tão proprio, e não hei de ter a consolação de ver e falar â Mãy, q' tanto estimo e venero; e dale as graças p.ª merçe tão gr.e esportuna (sic) *feita a minha S.ra com a sua seda? Me ha bem de custar; mas hé preciso mortificarnos em tudo, e conformarnos em tudo e totalm.e com a vontade divina.*

Creiame que o cazo do infeliz Ingres me assombra d'espanto e Deos con elle e sua Mãy S.ma me fez alguns bens importantes, e principalm.e hum conhecim.o maes pratico da summa necessid.e que tenho de star bem ateraquado com elle por ver o continuo risco em que estou de semelhantes e peiores principios etc. Não tenho tempo p.ª maes, lhe bejo de novo as maos e ao S.or Marquez pedirei a mesma Senh.ª que pague o que ella deve â V. Ex.ª e a sua Caza, e eu não posso.

A Marq.ª de Anjeja m'escreve q' o Marq. seo marido pedio claram.e a el Rey e lhe disse que elle nunca mandou q' sahisse da corte e ella diz que quer vir etc. isto confio a V. Ex.ª de quem sou

O maes Hum.e e Obrig.º Sr.º

Gabriel Malag.ª

Settual 12 Março 758

Finalmente, a fidalga decidira-se, mas na véspera da partida — confessa a condessa de Atouguia — um camarista de D. José I, o marquês de Angeja, dissera-lhe ter ouvido ao rei «que o padre Malagrida era um louco». Porém, «tendo grandes provas da sua virtude, nada perdeu para ela do conceito que dele tinha e só teve pena que Sua Magestade estivesse aquelle grande servo de Deus tão desprezado».

Calou aquele juízo do soberano e partiu com a mãe para a Arrábida.

Dias antes, a marquesa de Távora recebera esta última carta de Malagrida:

M.ª Ex.ma e Amad.ª S.ª Marq.ª

Settual 17 Março 75...

Bem grande tivera sido a consolação de vermos em via longa; porem sem lic.ª do Provincial não posso de cá sahir. Eu assim o entendo que cá não ... athe ... mezes; porq' pareçeme q' Deos tãobem em os nossos juizos entende fazer semelhantes fundaçoens e missoens etc. Deos pague a V. Ex.ª e aos maes bemfeitores o novo subsidio de sua carid.e: Tomara eu ter tão boa comp.ª e zeladora em outras partes aonde me sinto puxado the Evora, ou Porto! Se por la for folgarei ao menos que aquelles Prelados sejão Irmãos de V. Ex.ª porque p.ª obras semelhante e missoens, e exercicios etc. emporta m.to q' os Prelados sejão cheos de Deos e bem affeitos a semelhantes obras: como for avisado darei particulares noticias.

Ja tenho dado graças a N.ª S.ra p.ª melhora do bom Co: da Rybeira Gr.e e eu estimarei m.or q' completar agora o que tem promettido de fazer os exercicios spirituaes e prepararse bem e m.to bem p.ª aq.ª terrivel jornada da eternid.e: não posso dilatar maes q' m'está cahindo a cabeça com sonno. Viva mil annos V. Ex.ª p.ª novo subsidio dos papeis: Deos tudo e m.to maes mereçe os meos obzequios ao S.or Marquez e todos os maes conhecidos e conhecidas. Como hontem me veio hum criado do S.or Co. de S. Lourenço lhe encomendei

D. José I

a mesma dilig.ª das respostas de S. Cruz p.ª este P. Prior. Se V. Ex.ª ja os procurou, avise o S.or Conde p.ª que não os procure.

De V. Ex.ª

O maes Hum.e Sr.º

Gabriel Malag.ª

A condessa de Atouguia narrou nas suas *Memórias* que o reverendo, fixando-a, como se lhe adivinhasse o pensamento, lhe dissera:

«A senhora condessa nunca peça a Deus trabalhos, porque somos muito fracos e quando elles são grandes ás vezes esmorecemos nelles. A regra certa é aceitarmos os que Deus nos der quando chegassem mas nunca pedi-los.»

Ela acreditara que «Deus comunicara (ao padre) o seu interior e o que nelle se passava».

FASTOS PROVINCIANOS

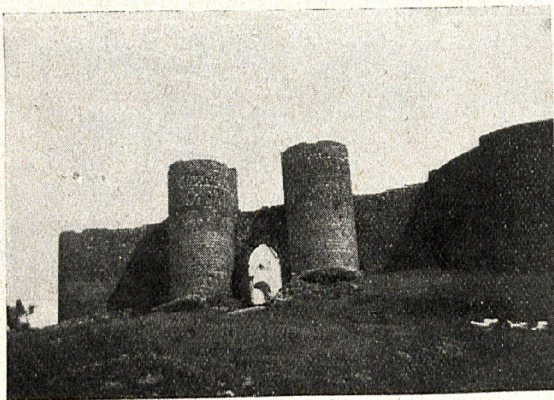
HISTÓRIA, TRADIÇÕES, MONUMENTOS

O Castelo de Evoramonte

VENCIDO em Asseiceira, o exército de D. Miguel capitulara. Em Evoramonte, a todos os títulos histórica, ia juntar-se mais uma página dos fastos das lutas pela liberdade.

Por ali passaram as tropas de D. João de Áustria, a quando das guerras da Restauração. O glorioso conde de Vila Flor, D. Sancho Manuel, dali escorraçara os têrços castelhanos.

Foi esta vila uma colónia dos primeiros eborenses ou eburones, supondo-se que foi fundada por êstes, mas começada a ser fortificada pelos romanos.

Fica numa eminência, de subida agradável, onde as azinheiras espalham — no verão — uma sombra consoladora, dominando a planície a fábrica alterosa do seu castelo, donde se contempla o alcantilado da serra de Ossa, espraiando-se a vista por um vastíssimo horizonte, cheio de sol, majestático, grande.

Castelo de Evoramonte

O grosso da população da vila acumula-se hoje na Corredoura, sede do pequeno comércio; o resto da histórica vila existe dentro das velhas muralhas em forma de triângulo, com as suas tôrres redondas nos ângulos, bojudas sentinelas de antanho.

Nesses muros entrou pela primeira vez, em 1166, D. Afonso Henriques, quando a povoação se encontrava em poder dos moiros, após ter sido forte praça dos romanos, reduto, talvez, a servir de defesa de Évora.

Evoramonte, abandonada até 1306, segundo uns, 1312, segundo outros, em virtude de ser uma povoação exposta às constantes correrias dos muçulmanos, sem defesa nem abrigo, a população que D. Afonso I para ali mandara tinha fugido, perseguida, incessantemente, pelas fôrças serracenas.

D. Diniz mandou — então — construir o castelo, um belo monumento, de pitoresco notável, de robustez sólida, mas muito danificado pelo terramoto de 1531, durante o reinado do *Piedoso*.

Êste tremor de terra, que durou oito dias, arruïnou muito a vila, destruíu muitas casas, parte das fortificações e matou considerável número dos seus habitantes.

D. João III, num rasgo muito pouco a casar-se com a sua índole sanguinária, mandou reedificar a parte arruïnada pelo cataclismo e contribuíu para a reconstrução das casas dos pobres.

Entra-se, nela, pela *Porta do Freixo*, que fica voltada ao sul, de arco ogival, ostentando uma lápida relativa à sua fundação. Dentro dos muros, a vilazinha, «com as suas fachadas muito claras, as chaminés nas prumadas das paredes, dá logo de entrada uma impressão de asseio, de isolamento, de paz».

De paz! Tudo ressume paz, e até, por isso mesmo, foi escolhida para assinar a paz entre os exércitos dos dois irmãos desavindos.

«Reina ali um silêncio de catacumba.»

Foi ali que D. Jaime de Bragança veio afogar o seu desespêro após a trágica noite de Novembro de 1512.

O herói de Azamor, D. Jaime de Bragança, conselheiro de D. Manuel e de D. João III, entrando, uma noite, nos seus paços de Vila Viçosa, de 1 para 2 de Novembro, acordara os seus servidores.

Fora, a noite rugia, num vendaval desfeito, de mistura com bátegas de água, aumentando mais as formas dos móveis, na grande sala solarenga, as paredes decoradas com os retratos de antepassados, num silêncio sepulcral, interrompido pelo resfolegar de ódio do ciumento duque, cujas formas avolumavam as luzes vermelhas dos archotes, açoitadas pelo vento que assobiava nas frinchas das pesadas portas do solar.

A criadagem, de pé, esfregando os olhos estremunhados por um sono interrompido, aguardava as ordens do senhor. Depois, D. Jaime, arrastando a espôsa, D. Leonor de Gusmão, filha dos nobres duques de Medina Sidónia, e seu pagem, de nome António Alcoforado, os imolou, ante todos os familiares, numa sanha feroz, por os «achar ambos e entender que dormiam juntos e lhe cometiam adultério».

Eis o episódio sangrento que evocam as tristes muralhas da triste vilazinha alentejana.

O desespêro do fidalgo, a sua dor mal contida, só num remanso de paz poderia ter refrigério.

Últimas cartas do padre Malagrida para a marquesa de Távora

INFLUÊNCIA DO JESUITA — A CONDESSA DE ATOUGUIA E SUA MÃE — CATEQUESE — O HINO A JESUS — OS GRANDES SACRIFÍCIOS

Malagrida escrevia mais uma longa carta para a nobre fidalga.

Dizia assim:

Settual 6 Fever.º 757

Ex.ma S.a Marq.a

P.º m.to q' esto empenhado no bem maes verd.º de V. Ex.a estimarei m.to que se aproveite d'estes contratempos p.a practicam.e entender q' somos peiores q' bestas em não acabar d'entender que o nosso norte o nosso alvo o nosso unico bem hé o nosso Pay e May e Senhor e só merece todo e totalm.e o nosso amor e fuora d'isso não q' aflicoens ingratidoens desesperacoens. E aquelles a que Deos deo maior caco e entendimento p.a comprender isto ainda são maes bestas se não o fazen e executão com toda a resolução.

Eu ja tenho escrito a V. Ex.a, e ainda q' não tenho resposta, p.a que veja q' a minha memoria hé maes viva e fixa, não respondo só sem resposta sua, mas correspondo com este mimo p.a V. Ex.a e â S.a Cond.a aliviar suas penas: mereçe estimação não p.os versos, mas p.º Author que he o Patrono de sua Ex.ma Caza S. Bern.º: ac... lendo hum seo Inno ao nome S.mo de Jesus e achei tão cheo de doçura q' o fui enterpretando do modo que vay na minha lingoa italiana que ja não sei: o certo hé que eu chorei em consolo sem embargo de ter o coração como pedra: Q.to maes chorará hum coração maes tenro e devoto: sarâ facil â S.ra Cond.a achar hum conheçido Italiano que o metta em solfa; e se não valhase do meio da S.a Marqu.a de anjeja, ou do P. Timoteto m.e das Princezas, e se cá vier, estimarei ovilo cantado da sua buoca. Estou p.a entrar com a 3.a bollada dos Exerc.os o que está taxado p.º sustento de cada qual hé hum coartinho; e mui poucos são aq.es que possão pahar essa limitação depoes de tanto estrago na terra specialm.e vendome tão cheo de despesas p.a este Recolh.º de Ursulinas, que me assombrão: Graças a Deos e M.a S.ma estou acabando de reparar os dannos do terremoto. Entrame agora hum estranho empulso de concluir a cerca porq. certam.e esta hé alma d'huma clausura. E ainda que não pudi aver nenhum auxilio d'esta Villa quando estava florente e m.to menos tenho q' esperar agora q' não hé maes q' hum montão de ruinas e miserias imponderaveis comtudo eu não descanço mando rancar e preparar pedras e officiaes cheguei aonde pudia, o sitio se o vir conhecerá q' não pode aver mais bello. A Igreja Exm.a em outros tempos alcancei de Sua Majest.e faculd.e de metter na cerca hum baloarte e hum gr.e lenço de muralha real e este cerca da banda do mar. São necessarios 300 palmos de muro p.a cercar da banda da Villa tomara poder fazer do sangue dinhr.º e dos ossos pedra pedra (sic) *p.a concluir cerca e negocio tão emportante ao serv.º de Deos ao qual peço e pedirei q' abraçe* (abraze) *a V. Ex.a e as Ex.as filhas do seo Dño amor. M.tas lembranças a S.a Marq.a de Anjeja Cond.a Rybeiras Duq.a de Aveiro e maes S.ras conheçidas.*

De V. Ex.a
O maes ind.º e Hum.e servo
Gabriel Malag.a

O reverendo fazia a sua catequese entre os fidalgos e traduzia o melodioso hino a Jesus, para que o mandassem pôr em música e o cantassem.

O padre Timóteo, a que Malagrida se refere, era o irmão Timóteo de Oliveira, confessor da rainha, residente, ainda, no paço à data desta carta. Dois meses depois estava recluso no noviciado da Cotovia, por ordem do ministro implacável.

A letra do hino que Malagrida traduzira dizia no seu italiano:

Perchi si eti, ó Signor
Bontá infinita
Detesta l'impio error
Limpia mi vita.

Os fidalgos iam cantá-lo ao som das espinetas ou dos cravos.

Acorria a nobreza aos exercícios de Setúbal, como consta destas linhas:

M.a Amad.ma e Estimad.ma S.a Marq.a

No mesmo tempo, que pego da penna p.a responder a V. Ex.a, m'entra p.º cubicolo o ...s.r de Sampayo, e Conde de Avintes, e outros companheiros, que vem a tomar os s.os exerc.os: Bemdicto seja Deos, e a Sua May S.ma, que nas maiores tempestades, e combattes do inferno sempre nos abre caminho p.a bollalo bem com estas bolladas. Eu unicam.e desejo amalo e servilo, e attaraquerme (sic) *com elle; e venha todo o mundo em cima, que bem pouco medo me faz, nem quero maes que este Senhor; e como ninguem mo pode furtar, estamos como queremos: Exercicios, e maes exercicios, emq.to pudermos; e porque sei, que não ha cousa de maior seo agrado, por isso tanto desejo de ver morrerem por elles, não só a m.a S.a Marq.a, mas toda a sua familia.*

No que toca as diferencias entre o S.r Marquez, e seo Irmão, eu não cretico razoens, aconselho os ensinos de Jesu Christo; que havemos de abraçar a quem nos ofende, e specialm.e entre Irmãos Nẽ voto que ao Irmão maes velho toca reprender os erros e fogos do moço; mas tãobem lhe toca darle os bons exemplos, e vingarse com beijos e abraços, que p.º ordinario são os castigos maes proveitozos. No maes farão o que lhe pareçer. Pouca graça farão a Jesu Christo Crucific.º buscalo com o rigor d'huma demanda; porem hé certo que não pecca o seo cunhado seguindo o seo direito e o conselho do seo P.e spiritual varão m.to douto, e que ainda nos exercicios lhe escreveo sobre isto: não tenho tempo p.a maes. Deos N.º S.or como Senhor da paz metta em tudo a sua Santa paz e gr.e e conserve a V. Ex.a S.a Marq.a e toda a familia e Parentes como lhe peço e desejo.

Lembrense da bella resposta do nosso Cardeal Balarmino, quando injuriado com tanto excesso, teimavão os outros cardeaes, que avia de puxar p.a sua razão e direito: respondeo que valia maes huma onça de caritade, que çem carradas de razoens.

Casa d'exerc.os 9 8br.º 757

De V. Ex.a
O maes Ind.º e Hum.e servo
Gabriel Malag.a

Queria o sacrifício da marquesa e de tôda a família, e com efeito ela foi bem sacrificada.